

The background is a dense collage of various items related to urban planning and architecture. It includes architectural floor plans, site maps, and technical drawings. There are also numerous black and white photographs of urban scenes, buildings, and landscapes. A prominent dark, irregular rock-like object sits on the right side of the collage. The text is overlaid in a bold, blue, sans-serif font, with a horizontal line separating the year '2025' from the final part of the title.

**trabalhos  
finais de  
graduação  
2025**  

---

**escola  
da cidade**

## Como partilhar saberes e afetos

Trabalhos de final de curso são como ritos de passagem.

O significado deste momento, para cada estudante, difere entre os mais variados caminhos que começam a buscar após a faculdade.

Muitos tentam suprir o que consideram pequenos hiatos em sua formação, outros estreitam preferências e aprofundam estas pesquisas, e há os que acabam consolidando sínteses provenientes de sua formação acadêmica.

No entanto, o que se assemelha em todos os casos é a importância deste rito, deste trabalho.

E apesar de todo o projeto pedagógico da Escola da Cidade fomentar a produção coletiva, a reflexão engendrada nos TC's aparece como projeto pessoal, autoral, em que o processo é desenhado por cada estudante, cada passo tem o peso da

decisão, sob a orientação de um professor ou professora, durante 8 meses.

Assim, espera-se que o amálgama de saberes partilhados esteja presente em cada dos trabalhos aqui apresentados. E como lição deste itinerário e das continuidades, que fique gravado em cada memória e que seja levado por cada arquiteto e cada arquiteta desta comunidade.

Com muito orgulho oferecemos a possibilidade de alunas e alunos desenvolverem trabalhos ligados a diferentes áreas do conhecimento, versando sobre arquitetura.

E assim, ao final do ciclo, temos uma ampla e aberta compreensão de que tudo é projeto.

Cristiane Muniz,  
diretora Conselho Escola



Exposição dos trabalhos finais de graduação, 2025.

# Um ponto dentro de uma trajetória

## Trabalhos de Curso de 2025

Os antropólogos Bruno Latour e Albena Yaneva pensam a arquitetura como um projeto em movimento, o edifício não é um objeto estático, mas um ponto dentro de uma trajetória complexa e repleta de desvios e descontinuidades. O percurso profissional de arquitetos e arquitetas recém-formados pela Escola da Cidade também é dessa ordem do fluxo. Mais que um encerramento, os Trabalhos de Curso são uma fotografia dessa trajetória. A exposição Um ponto dentro de uma trajetória: Trabalhos de Curso de 2025 configura-se como um momento de síntese e celebração do percurso formativo dos estudantes da Escola da Cidade. A mostra representa a afirmação pública do ensino da arquitetura como prática crítica e propositiva, evidenciando o papel da Escola na construção do pensamento social contemporâneo. Através da

diversidade de temas, metodologias e linguagens apresentadas, o conjunto exposto expressa os valores fundamentais da instituição: ética, responsabilidade ambiental, abrangência social e rigor técnico, reafirmando o compromisso da formação com os desafios do presente e as possibilidades do futuro.

Organizada na Galeria da Cidade, a exposição propõe um percurso expográfico que evidencia a pluralidade dos trabalhos e das formas de investigação arquitetônica, integrando maquetes, desenhos, vídeos, textos e objetos experimentais. A narrativa curatorial destaca tanto o processo quanto o resultado final, valorizando o acúmulo de experimentações, a construção por camadas e a síntese das reflexões desenvolvidas ao longo do curso.

Os trabalhos expostos abordam uma ampla gama de questões urgentes

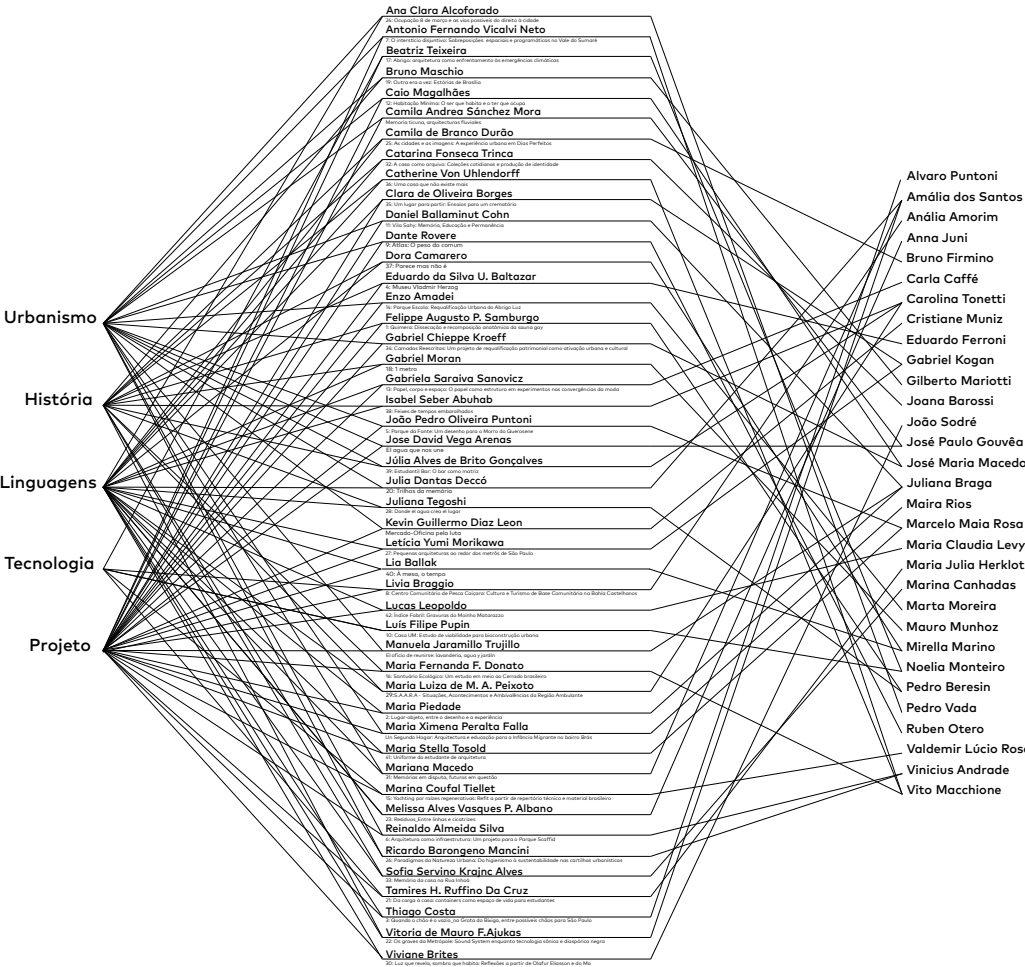


Diagrama dos eixos disciplinares referenstes aos trabalhos finais de graduação, 2025.

para a arquitetura contemporânea: especulam sobre as formas de morar; ensaiam projetos de requalificação e intervenção urbana; experimentam modos de fazer a partir de tecnologias construtivas baseadas na natureza e saberes situados; investigam o que pode a arquitetura diante das mudanças climáticas; refletem sobre as relações entre corpo, sexualidade, raça, memória e território; cruzam fronteiras e aproximam a arquitetura das artes plásticas, da moda e da performance; tomam posição diante das persistentes formas de exclusão e segregação espacial. As pesquisas evidenciam a liberdade metodológica e a diversidade de abordagens que o curso incentiva, reafirmando o compromisso com uma formação crítica e plural. Essa multiplicidade reforça o entendimento do projeto de arquitetura como um campo expandido, capaz de articular teoria e prática através do pensamento crítico e proposição técnica.

Foram 48 estudantes participantes, dos

quais 8 realizaram dupla titulação em parceria com universidades associadas à Escola da Cidade. Os trabalhos foram orientados por 30 professores da instituição, com a colaboração de co-orientadores externos, fortalecendo o caráter interdisciplinar e a interlocução com diferentes campos do conhecimento.

Ao reiterar os valores da transição ecológica, da inclusão social e da atuação sobre o existente, o TC 2025 reafirma o compromisso da Escola da Cidade com a formação de arquitetos capazes de intervir no mundo de maneira ética, criativa e responsável. A exposição, nesse sentido, não apenas conclui um ciclo, mas também evidencia um olhar sobre o fazer arquitetônico: um olhar comprometido com a cidade, a coletividade e o futuro da profissão.

Marcelo Maia Rosa (coordenador do TC)  
Petrus Fernandes (professor assistente)  
Bruno Maschio (colaborador)

## 1. urbanismo

- 12 Vias possíveis do direito à cidade: Micropolítica do habitar
- 14 O interstício disjuntivo: Sobreposições espaciais e programáticas no Vale do Sumaré
- 16 Parque da Fonte: Um desenho para o Morro do Querosene
- 18 S.A.A.R.A.: Situações, Acontecimentos e Ambivalências da Região Ambulante
- 20 Memórias em disputa, futuros em questão
- 22 Arquitetura como infraestrutura: Um projeto para o Parque Scaffid
- 24 Paradigmas da natureza urbana: Do higienismo à sustentabilidade nas cartilhas urbanísticas

## 2. história

- 28 Outra era a vez: Estórias de Brasília
- 30 As cidades e as imagens: A experiência urbana em Dias Perfeitos
- 32 A casa como arquivo: Coleções cotidianas e produção de identidade
- 34 Uma casa que não existe mais
- 36 Trilhos da memória
- 38 Donde el alga crea el lugar: Los discursos que construyen el Cárcamo de Dolores
- 40 Memória da casa na Rua Inhoá

## 3. linguagens

- 44 Parece, mas não é
- 46 1 metro
- 48 Papel, corpo e espaço: O papel como estrutura em experimentos nas convergências arquitetônicas da moda
- 50 Feixes de tempos embaralhados
- 52 Estudantil bar: O boteco como matriz
- 54 Pequenas arquiteturas ao redor dos metrô de São Paulo
- 56 À mesa, o tempo
- 58 Índice fabril: Gravuras do Moinho Matarazzo
- 60 Lugar-objeto: Entre o desenho e a experiência
- 62 O uniforme do estudante de arquitetura
- 64 Os graves da metrópole: Sound System enquanto tecnologia sônica e diaspórica negra
- 66 Luz que revela, sombra que habita: Reflexões a partir de Olafur Eliasson e o Ma

## 4. tecnologia

- 70 Abrigo: Arquitetura como enfrentamento às emergências climáticas
- 72 Centro comunitário de pesca caiçara: Cultura e turismo de base comunitária na Baía de Castelhanos
- 74 Casa um: Estudo de viabilidade para bioconstrução urbana
- 76 Yachting por raízes generativas: refit a partir de repertório técnico e material brasileiro
- 78 Da carga à casa: Containers como espaço de vida para estudantes

## 5. projeto

- 82 Habitação mínima: O ser que habita e o ter que ocupa
- 84 Museu Vladimir Herzog
- 86 Vila Sahy: Memória, Educação e Permanência
- 88 Atlas: O peso do comum
- 90 Um lugar para partir: Ensaios para um crematório
- 92 Parque Escola: Requalificação urbana do Abrigo Luz
- 94 Quimera: Dissecção e recomposição anatômica da sauna gay
- 96 Camadas reescritas: Um projeto de requalificação patrimonial como ativação urbana e cultural
- 98 Santuário ecológico: Um estudo em meio ao cerrado brasileiro
- 100 Residuais: Entre linhas e cicatrizes
- 102 Quando o chão é o vazio: Na Grotta do Bixiga, entre possíveis chãos para São Paulo

## 6. ficha técnica

# 1.

**urbanismo**

história

linguagens

tecnologia

projeto

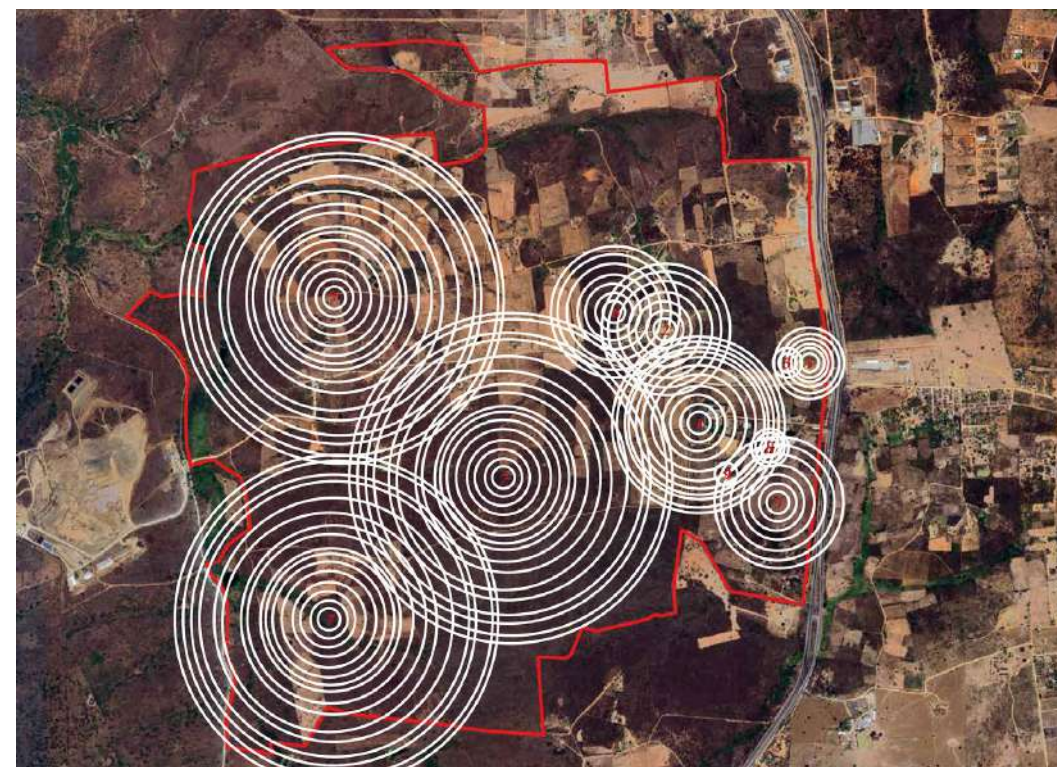
## Vias possíveis do direito à cidade: Micropolítica do habitar

Entendendo a ocupação urbana como uma tecnologia da ação política contemporânea que faz a disputa no plano da micropolítica, esta pesquisa apresenta uma contribuição para a leitura do déficit habitacional no Recife a partir da Ocupação 8 de Março, do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), proporcionando um testemunho eficiente das características e vivências no local. Com objetivo de constituir uma trama que narra diferentes dimensões da luta por Teto, Trabalho e Pão, este projeto pretende analisar o desenvolvimento e o papel das ocupações urbanas na luta por moradia. A partir da Ocupação 8 de março, na zona Sul do Recife, a reflexão proposta neste artigo aborda o fenômeno das ocupações urbanas como formas de resistência às políticas neoliberais e à lógica capitalista de produção de espaços e de propriedades de forma desigual nas cidades.

A partir da análise do território, busca-se um consistente substrato histórico e etnográfico dos seus sentidos,

inserções políticas, abordagens sociais e comportamento espacial. Partindo do campo empírico específico, o objetivo do trabalho é evidenciar outros modos possíveis de se viver em sociedade, fazer política, usar e produzir o território urbano. Mergulhando nas composições das representações cartográficas, observando suas linhas, em seus mais variados modos de apresentação, este estudo busca testemunhar a forma como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto opera micropolítica ativa ao se apropriar dos esqueletos da cidade para expressar suas demandas sociais e urbanas, ocupando arquiteturas abandonadas, evidenciando o problema habitacional no Brasil.

\_ana clara alcoforado  
\_orientador: pedro vada



1. Mapeamento das vivências no Assentamento Normandia, em Caruaru, Agreste de Pernambuco;
2. Rio Capibaribe, no Recife.

## O Interstício Disjuntivo: Sobreposições espaciais e programáticas no Vale do Sumaré

Este Trabalho propõe uma análise crítica e uma intervenção propositiva no Vale do Sumaré, em São Paulo, um território complexo definido como uma sobreposição de camadas e "zona de fronteira", devido à falta de apoio nos arredores da ruptura urbana. O diagnóstico identifica a sobreposição de megaestruturas, resultado da perfuração dessa topografia para a criação da Avenida Paulo VI. Notadamente o Viaduto da Rua Oscar Freire, Dr. Arnaldo e a Avenida Sumaré, gera profundas "disjunções urbanas". Esta fragmentação infraestrutural degrada a experiência do pedestre e transforma artefatos arquitetônicos relevantes, como a Estação Sumaré, em "não-lugares" funcionais, evidenciado por seu baixo fluxo de usuários e falta de fruição pública.

Adotando a abordagem teórica de Bernard Tschumi como lente analítica e propositiva, a tese rejeita a síntese funcionalista ("forma segue a função"). Em vez disso, investiga a tríade Espaço, Movimento e Evento, argumentando que

a arquitetura é definida pela "disjunção" e pela "confrontação prazerosa e às vezes violenta de espaços e atividades". A "violência da arquitetura", manifesta na opressão da infraestrutura sobre o corpo, é o diagnóstico central.

A intervenção é concebida como um "contra-projeto" que utiliza a própria disjunção como força produtiva. Através de ferramentas operativas tschumianas; Crossprogramming, Transprogramming e Disprogramming, o projeto sutura as rupturas verticais e horizontais e ativa o sub-viaduto. O objetivo é reconfigurar o "interstício disjuntivo", amplificando o "evento" (cultural, esportivo, lazer) para transformar um espaço de fluxo em um lugar equipamento para o ócio.

\_antonio fernando vicalvi neto  
\_orientador: vito macchione



1. Disprogramming: Proposta de piscinas esportivas e recreação em pleno vale;
2. Rampas-cinema e a conexão vertical que vence o desnível.

## Parque da Fonte: Um desenho para o Morro do Querosene

Esta pesquisa surge do interesse em compreender a Vila Pirajussara, mais conhecida como Morro do Querosene, conectando-a a uma história mais ampla que envolve o passado indígena, os processos de colonização, a urbanização e suas práticas culturais. O bairro integrou o antigo caminho indígena do Peabiru, que percorria o continente americano. Ali sobrevive uma fonte de pedra, antigo ponto de descanso de bandeirantes e tropeiros. O Morro do Querosene hoje se distingue por sua configuração urbana e vida cultural, com uma atmosfera que remete às pequenas cidades do interior.

No limite do bairro encontra-se um terreno murado, desapropriado em 2011 e tombado pelo poder municipal em 2012. O local só resistiu às pressões do mercado imobiliário graças a resistência e organização da comunidade que propôs a criação do Parque da Fonte. É essencial a consolidação do espaço para proteger as suas duas nascentes de água limpa e seus dois biomas: cerrado e mata atlântica.

Centrado nesta mancha verde de 35.400 m<sup>2</sup>, o trabalho reúne abordagens de arquitetura, urbanismo e audiovisual, articulando observação de campo, participação em mutirões e diálogo constante com moradores e agentes culturais. O processo de projeto

nasceu dessa escuta, especialmente da Associação Cultural do Morro do Querosene e dos mutirantes, cujas contribuições foram essenciais.

O Morro se caracteriza por um tecido social colaborativo, no qual a vida cultural e o cuidado com o território se entrelaçam. Iniciativas como o mutirão do parque e a Festa do Boi reafirmam a importância da rua e dos espaços coletivos como elementos estruturadores da vida local. Assim o projeto busca acolher e potencializar essas práticas, unindo preservação ambiental e cultura popular no mesmo território.

A proposta apresentada para o parque se organiza em quatro momentos complementares, envolvendo escala urbana, habitação, serviços, lazer e espaços culturais.

Entre essas frentes, a mata nativa é restaurada, respeitando a transição entre cerrado e mata atlântica. Esse espaço permanece praticamente intocado, exceto pela construção de um caminho, de um mirante e do restauro da fonte de pedra, ponto de descanso do Peabiru, agora protegido.

\_joão pedro oliveira puntoni  
\_orientador: marcelo maia rosa



1. Reconhecimento do território em cima de maquete topográfica;  
2. Maquete da proposta.

## S.A.A.R.A.: Situações, Acontecimentos e Ambivalências da Região Ambulante

Saara, para a maioria das pessoas, é o nome de um dos maiores desertos do mundo, com aproximadamente nove milhões de quilômetros quadrados, localizado no norte do continente africano. Mas, se você perguntar a um carioca, ele dirá que o Saara é o lugar onde comprou uma peruca rosa e um biquíni de strass no último carnaval.

O nome SAARA é a sigla de Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, associação de comerciantes localizada no centro do Rio de Janeiro, mas que é conhecida apenas como SAARA. É um dos maiores e mais tradicionais comércios populares da cidade, um grande mercado a céu aberto, onde pessoas de todas as partes fazem suas compras: acessórios de carnaval, enfeites natalinos, tecidos, bugigangas diversas e sem utilidade e o que mais o dinheiro e a imaginação permitirem.

A escolha dessa região como tema de pesquisa parte do entendimento de que compreendê-la apenas por meio de sua arquitetura não seria suficiente. O trabalho adota como base o conceito de arquitetura etnográfica, articulando a observação direta e a experiência vivida em campo com as ferramentas de representação da arquitetura, unindo as dimensões humanas

e espaciais do lugar. Entre as referências que fundamentam essa abordagem estão as investigações do arquiteto japonês Kon Wajirô (1888–1973), que propôs uma "arqueologia do tempo presente" ao documentar a modernização e as transformações do cotidiano japonês entre as décadas de 1920 e 1930, e o autor Enrique Walker, que, em *Lo Ordinario*, discute o banal, o comum e o cotidiano como matéria de reflexão arquitetônica.

Os trabalhos expostos são uma seleção de desenhos produzidos a partir das derivas e observações de campo realizadas no território. Eles seguem cinco temas que foram elencados e são desenvolvidos ao longo dos capítulos do trabalho: a imigração árabe, a permanência e os vestígios deixados pelas comunidades que fundaram o SAARA; o camelódromo, o comércio ambulante e suas espacialidades improvisadas; a rádio e os atravessamentos do som no espaço; o dia de São Jorge e a modificação temporária do espaço pela festa e pelo sagrado; e, por fim, a travessia pelo deserto do SAARA, quando a noite chega, o comércio se encerra e tudo silencia.

\_ maria luiza de Moraes Amaral Peixoto  
\_ orientadora: carol tonetti



1. Barbearia totalmente aberta para o corredor do camelódromo.

## Memórias em disputa, futuros em questão

O trabalho propõe uma reflexão sobre as relações afetivas entre pessoas e espaços urbanos, entendendo a arquitetura como algo que vai além da técnica, um campo ligado à memória, ao desejo e ao imaginário coletivo. A partir da Vila Prudente, bairro da Zona Leste de São Paulo em processo de gentrificação, o projeto busca compreender como o espaço molda e é moldado por quem o habita, revelando a perda de vínculos afetivos diante da mercantilização das cidades.

O resultado é um curta-metragem ensaístico e documental, de cerca de 20 minutos, que mistura história familiar, entrevistas com moradores e observações urbanas para construir uma cartografia sensível do bairro. O olhar pessoal vivencia as transformações do local e o envelhecimento da minha avó, dialogando com temas como transformações e permanências, gerando um filme sobre memória, cidade, vida e mudança.

Complementando o filme, um Fotolivro registra, por meio de caminhadas, fotografias e arquivos familiares, os traços de um bairro em transição, um arquivo vivo de afetos e lembranças.

O trabalho critica o urbanismo moderno, que reduz o espaço urbano a mercadoria e desconsidera seus habitantes, e defende uma arquitetura mais humana e empática, capaz de acolher histórias e subjetividades. Mais do que propor respostas, o projeto busca lançar perguntas sobre o futuro das cidades e sobre o que estamos perdendo ao transformar o espaço comum em produto.

\_ mariana macedo

\_orientador: amália dos santos



1. Registro da autora, 2025.

## Arquitetura como infraestrutura: Um projeto para o Parque Scaffid

O projeto visa propor e flexibilizar as intenções de projeto urbanístico entre infraestrutura e função, a partir da concepção das instalações de saneamento básico de captação e tratamento de efluentes de 270 residências localizadas no bairro Parque Scaffid II em Itaquaquecetuba - SP. Trata-se de uma localidade em declive com características de fundo de vale, com diferença de cota de aproximadamente 25 metros e que contempla uma área de interesse ambiental de 11709 mil metros quadrados, que estava destinada como área de lazer do projeto de loteamento original, porém, até então segue a função designada.

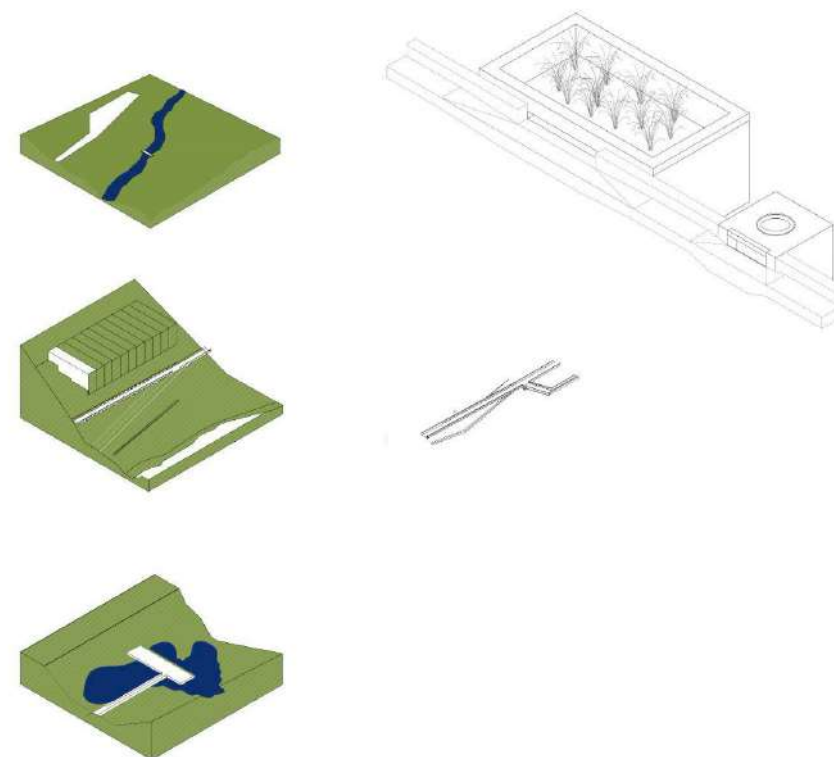
Embora não esteja ocupada irregularmente, essa área se constitui no caminho natural de esgotos das casas do entorno e águas pluviais que descem

pelo meio fio das ruas, sendo uma área sem nenhum uso apropriado ou que seja garantida sua preservação.

As intenções de projeto também vão de encontro em como ativar esse espaço para integração dos moradores das ruas lindeiras, qualificando-o como um destino apropriado para tratamento das águas marrons que degradam o potencial sócio-ecológico dessa área como também estudar a articulação entre projeto de infraestrutura de saneamento, sistema de espaços livres e diálogo com a paisagem natural.

\_ reinaldo almeida silva

\_orientador: vinicius andrade



1. Diagramas esquemáticos da proposta;
2. Perspectiva ilustrada do Parque Scaffid.

## Paradigmas da natureza urbana: Do higienismo à sustentabilidade nas cartilhas urbanísticas

Este trabalho propõe uma retrospectiva ecológica do urbanismo, investigando como a relação entre a cidade e a natureza foi historicamente tratada. O termo "cartilhas" é usado aqui para designar os grandes paradigmas de pensamento urbanístico. Cada cartilha representa o conjunto de preceitos, diagnósticos e soluções de uma época - baseados na ciência e na técnica vigentes - que buscaram estabelecer um modelo universal para gerir a relação entre a urbanização e o meio ambiente. Partindo do contexto do Antropoceno - onde a ação humana tornou-se principal força transformadora - a pesquisa analisa três desses modelos dominantes.

A primeira é a Cartilha Higienista do século XIX, que respondeu à "náusea social" da cidade industrial. Nela, a natureza foi tratada de forma ambivalente: ora como doença (agentes telúricos), ora como remédio (parques, ventilação), resultando em grandes reformas urbanas e utopias como a Cidade Jardim.

Em seguida, a Cartilha Funcionalista do século XX, consolidada pelo urbanismo modernista e pela Carta de Atenas, buscou a superação técnica do território. A natureza foi relegada a um "verde sem

atributos", um vácuo cenográfico para a monumentalidade, cuja síntese didática é o projeto de Brasília.

Por fim, o trabalho analisa a Cartilha Sustentável contemporânea. Embora nascida de uma necessária consciência ambiental, esta cartilha é criticada por sua frequente "instrumentalização do ambientalismo". A natureza torna-se uma mercadoria, legitimando práticas de greenwashing e gerando gentrificação verde.

O estudo conclui que a falha persistente desses modelos é a busca por soluções universalistas. O futuro não reside na criação de uma quarta cartilha, mas no abandono desse paradigma, reconhecendo que a natureza urbana somos nós e é produzida por nossas ações, adotando práticas situadas e híbridas que operem dentro da complexidade real das cidades.

\_ ricardo barongeno mancini  
\_orientador: vinicius andrade



1. Povoado I, Tarsila do Amaral, 1952;  
2. Le Corbusier, Cidade para três milhões de pessoas, 1922. Fundação Le Corbusier

# 2.

urbanismo  
**história**  
linguagens  
tecnologia  
projeto

## Outra era a vez: Estórias de Brasília

O conjunto de ensaios parte da intuição de que Brasília não pode ser reduzida a um projeto modernista ou a uma experiência arquitetônica. Mais do que cidade, Brasília é uma trama de narrativas e imagens. Sua história não é linear, mas marcada por hesitações, profecias e contradições que permanecem em aberto. A cidade aparece como um objeto instável, atravessada por temporalidades conflitantes e por diferentes regimes de visibilidade. Os ensaios também se detêm nas relações entre humanos e outros-que-humanos: animais, plantas e paisagens tornam-se agentes de narrativas que desobedecem a lógica do progresso, expõem a violência da cidade, desafiam o excepcionalismo humano e tensionam o projeto moderno de domesticação da vida.

A escolha pelo termo estórias aponta para um modo de narrar que não se confunde com a história oficial. Contar estórias significa abrir espaço para vozes que ficaram à margem, para os restos e fragmentos que não cabem no discurso monumental. A questão colocada por Donna Haraway reverbera em todo o trabalho e serve como uma espécie de pressuposto ético e metodológico: "com quais estórias contamos estórias?". Mais do que recuperar verdades, trata-se da fabulação como método capaz de fazer

aparecer o que não se deixa reduzir à ordem dos fatos. Um tipo de escrita à contrapelo, ou, como escreveu Guimarães Rosa: "a estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História".

O trabalho se constrói na fricção entre documentos e imagens. Ao invés de propor uma síntese, prefere colocar lado a lado discursos e práticas que raramente dialogam: relatórios oficiais e poemas, fotografias e relatos, símbolos de Estado e memórias de animais. Aproximar a prática do ficcionista da prática do historiador permite compreender Brasília como um campo em disputa. Contar e recontar episódios, fabular a partir de vestígios, aproximar documentos e testemunhos: essa operação permite fazer ver o que ficou de fora da narrativa oficial. Cada ensaio trabalha justamente nesse tensionamento, atento às violências que sustentam o projeto moderno, mas também persegue as sobrevivências que voltam para assombrar o presente. A cidade nos convoca a outras formas de olhar, escrever e fabular.

\_bruno maschio  
\_orientador: gilberto mariotti



1. Girafas de Brasília, colagem digital, 2025.

## As cidades e as imagens: A experiência urbana em Dias Perfeitos

O trabalho investiga como imagens de cidade podem ser produzidas dentro da cinematografia, partindo do entendimento de que o espaço fílmico não é mero fundo passivo, mas um dispositivo ativo de comunicação na medida em que colabora para a criação de atmosferas essenciais à construção simbólica e sensível das narrativas. Advento da modernidade, o cinema tem sua história intimamente ligada ao desenvolvimento das cidades. Para além de tratarem das dimensões espacial e temporal, ambos os campos também mediam compreensões da vida e articulam corpo e memória na imaginação de arquiteturas mentais, proporcionando experiências, organizando percepções e visualidades e despertando sensações e interpretações. Isso faz com que o cinema se torne uma lente que, mais do que refletir, antecipa a cidade e influencia os modos de se perceber e habitá-la.

É nesse contexto que a cinematografia de Wim Wenders e, mais especificamente, o

longa Dias Perfeitos, se tornam objetos de análise. O filme, como outros do diretor, inscreve questões existenciais através da interação dos personagens com o espaço, da atenção ao ínfimo detalhe e ao irredutível ordinário. O silêncio e a insaturação de informações evocam a atenção para o percurso entre os diferentes distritos de Tóquio e para os contrastes urbanos, interstícios, centralidades, vazios e não-lugares que o caracterizam. Acompanha o fluir dos dias comuns de um raro sujeito que parece viver em dissonância com a contemporaneidade e com o frenesi metropolitano. A pesquisa dedica-se a entender como a percepção da cidade se constrói nesse caso e edifica um convite à desaceleração e à desaprendizagem de automatismos urbanos.

\_camila de branco durão  
\_orientador: bruno firmino



1. Mapeamento dos banheiros atendidos pelo personagem em momento de sobrecarga;
2. Frame de Hirayama no filme Dias Perfeitos, de Wim Wenders, 2023.

## A casa como arquivo: Coleções cotidianas e produção de identidade

---

Habitar um espaço é também habitar o tempo. O lar, para além de abrigo do corpo, é local de expressão do acúmulo de memórias, afetos e rastros do que fomos e do que foi vivido. Território simbólico, onde os objetos ultrapassam suas funções práticas e tornam-se mediadores entre o sujeito e o mundo, permite a condensação de experiências e significados que revelam modos de viver e de recordar.

A pesquisa investiga como objetos domésticos comunicam identidades, revivem memórias e participam da construção do "eu". Através do Ensaio, em primeiro momento debruça-se na compreensão de conceitos teóricos e depois os explora por meio da construção de narrativas que se baseiam em entrevistas.

Emergem três categorias de análise: objetos sociais, capazes de exprimir

pertencimento e de apresentação ao mundo; objetos biográficos, que envelhecem com o sujeito e preservam vínculos e afetos; dispositivos de memória, âncoras de lembranças que ajudam a revisitar a construção da subjetividade.

O embasamento teórico dialoga com Gaston Bachelard, Georges Perec, Alberto Manguel, Walter Benjamin, Ecléa Bosi, Yi-Fu Tuan e Emanuele Coccia, autores que pensam o habitar, o espaço, lugar e o tempo como dimensões interligadas. Nesse encontro entre teoria e experiência, o lar se revela como espelho das sensibilidades humanas — um espaço onde as coisas ganham voz e as presenças se tornam fantasmas gentis da memória.

\_catarina fonseca trinca  
\_orientadora: joana barossi



1. Registro de pilha de livros, 2025.

## Uma casa que não existe mais

Para além do desenho de arquitetura, a transposição de ideias para o papel possibilita uma segunda linha de pensamento e, como uma segunda língua, oferece uma outra maneira de pensar. Durante a faculdade de arquitetura, essa via de expressão assume a função de representar um objeto imaginado e verificar suas possibilidades, permeando campos estéticos, construtivos, gráficos e conceituais. Nesse sentido, em alusão às diferentes formas de reconstruir experiências diversas em um mesmo lugar, este trabalho busca resgatar memórias de uma casa familiar em Itapevi por meio de distintos modos de representação, criando também espaço para o preenchimento subjetivo da memória dos ambientes.

A casa teve impacto significativo na vida de muitos que por ela passaram, principalmente por "ser um lugar com espaço". Ao longo de três gerações, foi vivenciada e transformada por reformas e mudanças, o que possibilitou múltiplas perspectivas sobre o lugar — conectadas, de um lado, pela experiência infantil de tios e netos e, de outro, pela percepção adulta das transformações dos ambientes e de suas marcas de uso ao longo dos anos. A mudança urbana na paisagem de Itapevi também acabou por intervir não apenas na

experiência de cada geração na casa, mas em sua própria existência, sendo vendida em 2015 e demolida no ano seguinte. Ainda assim, mantém-se uma importante relação memorial atemporal, que se manifesta nos almoços de domingo, em conversas sobre o que um dia já havia sido um cômodo ou uma paisagem.

Situando-se no limiar entre a memória e a vivência da arquitetura, o presente trabalho busca resgatar tais perspectivas e experiências, tomando-as como guias do estudo e inserindo-o no campo de discussão sobre a representação do espaço e suas relações com a experiência sensível, na qual o ambiente atua como agente que gera afetos e modos de relação. Assim, ao se deparar com a divergência entre memórias construídas em um mesmo lugar, a própria noção de arquitetura enquanto condicionante das ações e experiências humanas é tensionada e ampliada — ganhando sangramentos em ciano, dimensões fora de escala e estampas fusionadas em um novo padrão criado.

\_catherine von uhlendorff  
\_orientador: vito macchione



1. Desenhos processuais de reconhecimento e memória da casa.

## Trilhos da memória

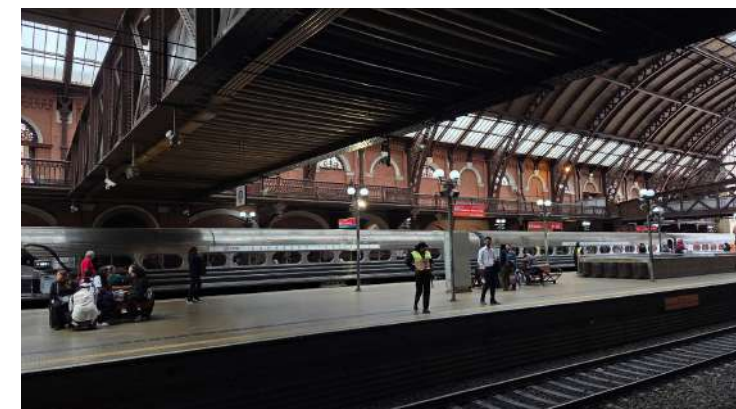
A pesquisa parte de dois acervos familiares para investigar como as memórias pessoais contribuem para a construção do imaginário urbano de São Paulo. O primeiro é o livro meu avô, que conta a experiência dele como trabalhador em uma fazenda de cacau em Ilhéus-BA, e suas expectativas sobre a vinda pra São Paulo. O segundo é o conjunto de fotografias produzidas ao longo de vinte anos por seu pai, ferroviário que registrou o entorno das estações e trilhos do Estado

de São Paulo.

Entre o íntimo e o coletivo, o estudo mostra como fragmentos de histórias pessoais ajudam a compreender o centro de São Paulo não apenas por sua expansão física, mas também pela formação de um imaginário urbano construído a partir de memórias afetivas.

\_julia dantas deccó

\_orientadora: amália dos santos



1. Registro feito por José Eduardo Camargo Deccó na Estação de Paranapiacaba, em 1990;
2. José Dantas de Lima, 1986;
3. Registro feito por Júlia Deccó na Estação da Luz, 2025.

## Donde el agua crea el lugar: Los discursos que construyen el Cárcamo de Dolores

O Cárcamo de Dolores, construído em 1951 a pedido do governo de Miguel Alemán Valdés, foi projetado pelo arquiteto Ricardo Rivas (1913-1998) em colaboração com Diego Rivera (1886-1952). O edifício foi concebido como um objeto comemorativo do fim das obras do Sistema de Abastecimento Lerma, uma obra de infraestrutura pública desenvolvida em um momento em que o Estado mexicano foi un grande impulsor do desenvolvimento econômico e social do país, buscando, além dos resultados práticos, construir sua posição de centralidade.

Além disso, as escolhas formais feitas pelo arquiteto e pelo pintor para construir o edifício estão profundamente relacionadas com o contexto histórico,

social e político e articulam debates existentes no campo da arquitetura.

Assim, a pesquisa tem como base o estudo do edifício e pretende se concentrar em como a construção de narrativas é mobilizada através da conformação desse espaço, identificando que, por um lado, existe uma intenção de criar uma legitimação do Estado através de seus feitos e, por outro, tenta articular discussões presentes no campo da arquitetura da época.

\_juliana tegoshi

\_orientadores: pedro beresin, raúl salas,  
guillermina rosa lopes,  
rafael m. ortiz



1. Mural El Agua, Origen de la Vida, Cidade do México, 1951.

## Memória da casa na Rua Inhoá

Esta pesquisa propõe uma leitura da casa como dispositivo de memória, tendo como fio condutor a residência de minha avó, localizada sobre a Pedra de Inhoá, no bairro histórico da Prainha, em Vila Velha (ES). O estudo parte da experiência pessoal e afetiva para compreender como o espaço doméstico pode funcionar como arquivo simbólico da história individual, familiar e urbana.

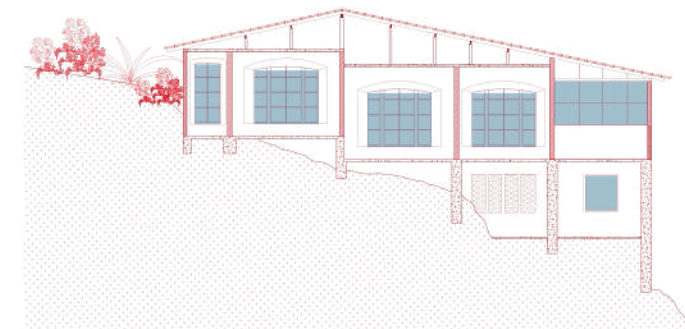
A partir do percurso pela casa, do portão à cozinha, das varandas aos quartos, até as janelas que se abrem para o bairro, o trabalho constrói uma narrativa que busca transmitir a espacialidade da casa por meio de textos, entrevistas, desenhos e imagens. Cada espaço é entendido como

um fragmento de memória que se conecta à história de uma família, de um bairro e de uma cidade.

O trabalho reflete sobre a arquitetura afetiva, a valorização do antigo e a importância dos espaços de memória na construção de identidades. A casa, assim, é registrada e memorializada em um contexto de possível ameaça à sua existência, tornando-se testemunho da passagem do tempo e das transformações urbanas que a cercam.

\_ sofia servino krajnc alves

\_orientadora: marina canhadas



1. Registros em tempos distintos da casa na Rua Inhoá;
2. Corte longitudinal.

# 3.

urbanismo  
história  
**linguagens**  
tecnologia  
projeto

## Parece, mas não é

Este trabalho nasce do encontro entre dois olhares que me acompanham há muitos anos: o fotográfico e o arquitetônico. A fotografia sempre foi uma ferramenta de observação e de construção de memória, enquanto a arquitetura me ensinou a perceber o espaço em suas dimensões sensíveis: forma, luz, cor, matéria e tempo.

Ao longo dos seis anos de graduação, vivi um percurso intenso de descobertas e de autoconhecimento. Compreendi que a arquitetura, para mim, não se limita ao ato de projetar, mas envolve pensar o espaço, o cotidiano e o presente de forma atenta e poética. Quando chegou o momento do Trabalho Final de Graduação, o maior desafio foi olhar para dentro e identificar o que me movia. O processo, resultou em uma investigação profundamente pessoal sobre memória, registro e representação.

O ponto de partida foi a revisitação

do meu acervo fotográfico, composto por imagens captadas ao longo de viagens e experiências diversas. A partir dos recortes, busquei reconstruir poeticamente as paisagens que vivi e imaginei, onde cada montagem propõe uma nova cidade possível um território híbrido entre lembrança e invenção.

Assim, o trabalho se consolida como um exercício entre o olhar da arquiteta e o da fotógrafa: uma reconstrução poética da memória que transforma fragmentos em narrativa visual. Mais do que um resultado final, ele se apresenta como um processo em aberto, um olhar em constante formação que se refaz a cada nova paisagem e a cada novo recorte.

\_dora camarero

\_orientadora: mirella marino



1. Amostra do catálogo de recortes, 2025.

## 1 metro

A pesquisa parte do contraste entre dois modos de representação: os livros botânicos ilustrados dos naturalistas do século XVII, que buscavam construir uma imagem sistemática e verificável do mundo vegetal – uma tentativa de fixar o real por meio de protocolos de observação e padronização que prometiam a objetividade, e a revista contemporânea brasileira Casa do Vaticano (2000), que propunha o oposto: a multiplicação de interpretações, onde cada imagem é uma resposta singular ao mesmo estímulo.

É utilizado um conceito-chave para o trabalho: a transdução, termo que define a passagem de um código de signos para outro, a transformação de um significado ao ser convertido de uma linguagem para outra. Diferentemente da tradução, que busca equivaler um sentido dentro do mesmo sistema, a transdução conduz um sentido de um meio para outro, criando novas correspondências.

A partir dessa ideia, são estabelecidos três níveis de operação na representação: o do dispositivo, que é físico-técnico, o do processo de consciência, que é interpretativo, e o do programa, que pode ser entendido como um verbo, ou um conjunto de verbos — que compõem ações que articulam o dispositivo e o operador, mediando a tensão entre eles. Mais do que distinguir entre objetividade e

subjetividade, o trabalho propõe pensar em um gradiente de neutralidade, no qual certos programas e arranjos operacionais entre o autor e o dispositivo utilizado, aproximam o resultado de padrões comparáveis e repetíveis, enquanto outros ampliam sua liberdade autoral, evidenciando decisões mais singulares e específicas. O que interessa é observar os modos de operação, ou seja, a relação entre esses três parâmetros.

Para materializar esse gradiente de neutralidade, utilizando os três parâmetros desenvolvidos, é proposto um experimento, a criação de três imagens, que percorrem a subjetividade e a objetividade, a partir da luz. Em que a luz é primeiro refletida, depois absorvida e, por fim, atravessada. Em sequência – fotografia, pintura e contato fotográfico.

O experimento busca evidenciar o percurso da construção da imagem, e seus deslocamentos entre meios, suas conversões mais ou menos subjetivas e objetivas, a fim de estabelecer uma reflexão sobre a criação de novas correspondências a partir da utilização de signos diferentes.

\_gabriel moran

\_orientador: mauro munhoz



1. Fotografia como matriz inicial do processo subsequente;
2. Interpretação da fotografia em pintura a óleo.

## Papel, corpo e espaço: O papel como estrutura em experimentos nas convergências arquitetônicas da moda

O trabalho investiga as interseções entre moda e arquitetura a partir da materialidade do papel. A pesquisa parte da Teoria das cinco peles, de Friedensreich Hundertwasser, que compreende o ser humano envolto por cinco camadas simbólicas: corpo, roupa, casa, sociedade e planeta, e, assim propõe o diálogo entre a segunda e a terceira pele, ou seja, entre o vestir e o habitar. A partir dessa relação, o trabalho explora o papel como meio de experimentação construtiva e expressiva, transformando-o de suporte bidimensional em estrutura tridimensional que se veste e se habita.

A investigação se desenvolve em torno de três eixos principais: o pensamento artesanal de Lina Bo Bardi, a prática manual de Paulo Mendes da Rocha e as experiências de moda contemporânea que tensionam a fronteira entre corpo e espaço. Já a moda é analisada em sua dimensão arquitetônica, através de referências como Issey Miyake, Iris van Herpen e Jum Nakao, que utilizam o corpo como suporte de estruturas espaciais mais complexas, assim criando roupas escultóricas que podem ser consideradas como projetos arquitetônicos.

O papel, material de uso cotidiano e acessível, é eleito como protagonista por sintetizar o ponto de partida tanto do arquiteto quanto do estilista: a folha em branco. Por meio de dobraduras, recortes e colagens que resultam em roupas esculturas. Cada peça é construída artesanalmente, sem moldes ou costuras convencionais, explorando a resistência, a fragilidade e a poética efêmera do material. O processo de criação é entendido como gesto e reflexão: dobrar, vincar e colar tornam-se ações projetuais que conectam corpo e tempo-espaço, arquitetura e moda.

Papel, corpo e espaço propõe, assim, uma arquitetura vestível e uma moda habitável, em que a materialidade do papel funciona como metáfora das peles que nos envolvem. Entre o efêmero e o estrutural, entre o desenho e o gesto, o trabalho celebra a manualidade como caminho de pensamento e como forma sensível de habitar o mundo.

\_gabriela saraiva sanovicz  
\_orientadora: carla caffè



1. Registro final da proposta, vestida por Catarina Trinca. Foto por Giuliana Orlando.

## Feixes de Tempos Embalhados

Esse trabalho discute o declínio da experiência entendida como um saber duradouro, sensível, atemporal e transmissível. Embasado nos autores Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin e Jorge Larrosa Bondía, analisa sua relação com a sociedade moderna e como as cidades se destacam como grande fator opressor às experiências ao configurar um espaço caótico e fragmentado, infestado de excessos.

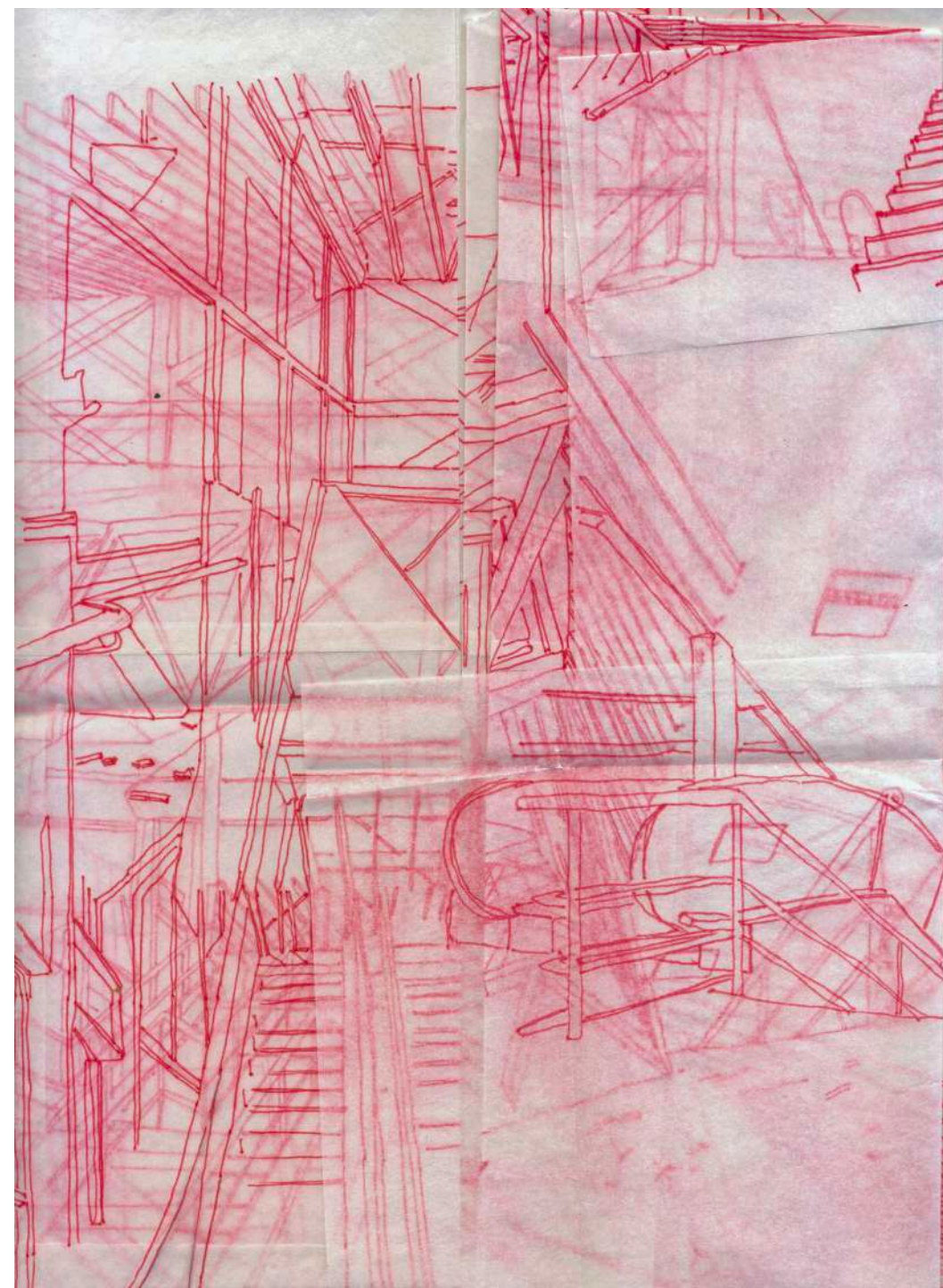
A partir desse contexto, a arte é entendida como forma de resistência capaz de frear esse processo de deterioração. Ao resgatar aspectos intrínsecos à experiência verdadeira e justapor o que foi dividido, o gesto artístico escapa da lógica vigente e revive o que parecia extinto.

Estruturalmente, o presente trabalho consiste em um texto descritivo, crítico e metafórico sobre o percurso entre a casa da aluna e a passarela do Terminal

Bandeira; produções gráficas que compõem uma cartografia do trajeto e exploram a relação íntima, porém invasiva entre corpo e cidade; apêndices complementares (e igualmente importantes) as produções gráficas; e um texto analítico e crítico que ratifica e costura todas as partes citadas nesse parágrafo.

O uso das diversas linguagens integradas no campo da arquitetura busca ir além do entendimento técnico, físico e funcional do espaço. Um modo diferente de pensar e interpretar os espaços surge a partir dessas ferramentas textuais e artísticas permitindo uma expansão do olhar no âmbito relacional entre corpo-cidade.

\_isabel seber abuhab  
\_orientadora: carol tonetti



1. Dobrável II. Caneta hidrográfica sobre papel manteiga (124x53cm), 2025.

## Estudantil bar: O boteco como matriz

O trabalho propõe uma reflexão sobre o ócio como forma de resistência à lógica da produtividade contemporânea, tendo o boteco como espaço e matriz simbólico de encontro, convivência e permanência no tempo urbano. A pesquisa parte da observação dos modos de estar e de viver no cotidiano paulistano, tendo no bairro do Bixiga o Estudantil Bar, o ponto de inflexão onde o boteco se revela como espaço de pausa, partilha e expressão cultural.

O boteco é ritual e tipologia urbana. Ele configura-se como uma arquitetura do estar, espaço onde as hierarquias sociais se diluem e o tempo desacelera. Inspirando-se em Gaston Bachelard, o boteco é compreendido como extensão da casa, um cosmos coletivo em que as histórias se cruzam e as memórias se tornam comuns. Se a casa guarda o íntimo individual, o boteco revela o íntimo partilhado: o devaneio em voz alta, a vida que se constrói entre pausas, conversas e silêncios.

Entende-se o boteco como uma matriz tipológica, elemento persistente na morfologia urbana que resiste à homogeneização moderna. Ele carrega a memória e a identidade da cidade, funcionando como espaço de permanência e resistência cultural. Essa repetição entre

formas, gestos, rituais é aqui interpretada não como alienação, mas como insistência e cuidado: a repetição do encontro, da presença e da convivência cotidiana.

Inspirada em Hélio Oiticica e sua noção de "improdutividade pública", a pesquisa propõe o ócio como experiência estética e crítica. O tempo ocioso, frequentemente desvalorizado, é ressignificado como espaço de criação e contemplação. No boteco, o ócio se manifesta como gesto político e sensível — uma pausa compartilhada que desafia a lógica da pressa e da utilidade.

A dimensão prática do trabalho se materializa na execução de quadros produzidos pelo método do stencil, técnica escolhida por seu caráter matricial, repetitivo e gráfico. As fachadas, copos americanos, azulejos e fragmentos do cotidiano são sobrepostas em camadas de tinta, registrando marcas do tempo e do gesto. Assim como o boteco, o stencil é repetição e memória: um modo de fixar o instante e torná-lo coletivo.

\_ júlia alves de brito gonçalves  
\_orientadora: carol tonetti



1. Matriz com elementos típicos de bar como o engradado e o banco de plástico.

## Pequenas arquiteturas ao redor dos metrô de São Paulo

Este trabalho investiga as pequenas arquiteturas presentes nos espaços urbanos de São Paulo, especialmente no entorno das estações de metrô da linha azul. O interesse por esses espaços surgiu de uma trajetória pessoal e acadêmica, intensificada por uma experiência no Japão, onde a presença constante de espaços reduzidos integrados ao tecido urbano evidencia sua relevância social.

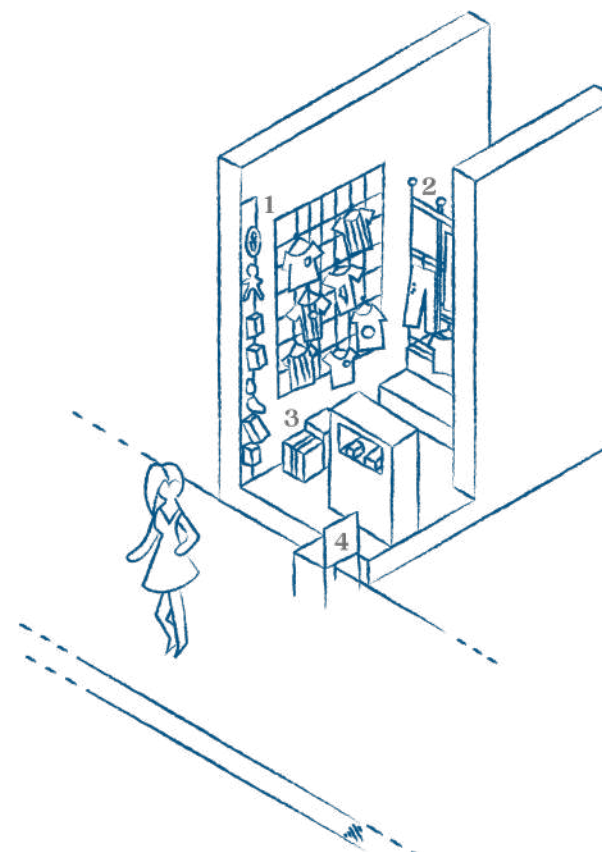
Durante uma pesquisa preliminar, foi identificada uma lacuna significativa de estudos e registros sobre o tema no contexto paulistano, o que dificulta o reconhecimento do papel dessas arquiteturas no cotidiano da cidade. Observa-se que, apesar do crescimento urbano e da predominância de grandes

empreendimentos, pequenos comércios e espaços de escala reduzida permanecem ativos, frequentemente associados à informalidade, à isenção de encargos fiscais e à localização estratégica em áreas de intenso fluxo de pedestres.

Diante disso, este trabalho propõe através do caminhar, procurar e reconhecer essas pequenas arquiteturas, além de registrar, mapear e analisar seus impactos na vitalidade urbana e na organização da cidade, onde o pequeno revela-se ser significativo.

\_letícia yumi morikawa

\_orientador: gabriel kogan



1. Cacarecos. 1,56m², vendinha de rua nos arredores da Praça da Árvore.

## À mesa, o tempo

Em nosso cotidiano, seja ao comer, trabalhar, estudar ou socializar, a mesa se apresenta como elemento central. Sobre sua superfície repousam diversos objetos de uso diário, que não apenas sustentam nossas interações, mas também acumulam marcas do tempo, adquirindo e perdendo significados. Por meio desses objetos, se configuram e se desfazem cenários, de modo que a mesa se transforma em um verdadeiro “mapa temporal”, registrando vestígios da vida cotidiana. Ao longo da história da arte, a mesa também aparece em diferentes contextos, do passado à contemporaneidade.

A partir do interesse por esse objeto e da compreensão de sua relevância para a vida cotidiana e para a produção artística, este trabalho propõe uma investigação da imagem e da poética das mesas por meio da pintura.

Inicialmente, a prática aproximou-se de procedimentos convencionais, explorando a natureza morta, a pintura a partir de registros fotográficos, a pintura ao vivo com a mesa como modelo e a ampliação de trabalhos anteriores. A partir do segundo mês de trabalho, a pesquisa adquiriu um caráter experimental. A prática deixou de se restringir à representação da mesa para explorar matrizes não convencionais, aplicando a pintura sobre tecido doméstico. Nesse contexto, surgiram pinturas sobre toalhas e panos de prato, bem como esculturas em tecido, utilizando técnicas de preparo de telas. O estudo dos suportes passou a ocupar posição central na

pesquisa, sendo compreendido como gesto inaugural da pintura. Tecidos crus ou parcialmente preparados, esticados ou soltos, manchados ou rasgados, estampados ou lisos, ofereceram variações de absorção, de representação da imagem, de resistência e de textura. O ato de escolher e preparar essas superfícies constitui, por si só, um gesto da própria pintura.

Ao trabalhar sobre superfícies já marcadas pelo cotidiano, a pintura estabelece diálogo com a memória da matéria e com o tempo registrado nas marcas da vida doméstica, de modo que a mesa passa a ocupar não apenas as imagens, mas também as superfícies. Todo esse processo, marcado por experimentações, acertos e erros, foi sistematicamente registrado em um diário de ateliê. Assim, a pesquisa, além de produzir obras, consolidou-se como registro do próprio fazer pictórico, no qual gesto, matéria e pensamento se entrelaçam. Como produto final, além das obras, foi realizada uma publicação que reúne o diário completo, reflexões teóricas, testes e receitas de técnicas, bem como imagens de todas as tentativas e experimentações realizadas. Entre ensaios, experimentações e anotações, a pintura torna-se espaço de investigação da presença, da memória e da narrativa cotidiana

\_lia ballak

\_orientadora: mirella marino



1. Pano sobre pano 01 (óleo sobre pano de prato, 48x69cm).

## Índice fabril: Gravuras do Moinho Matarazzo

A pesquisa parte de um recorte do bairro do Brás, região historicamente industrial da cidade de São Paulo, mais especificamente o Moinho Matarazzo. A fábrica, mesmo que atualmente abandonada, ainda transmite uma carga simbólica. Sua presença na paisagem nos remete a um passado fabril, onde a ocupação das várzeas pela recente retificação dos rios molda a malha urbana, deixando marcas que podem ser lidas até hoje evidenciando um palimpsesto urbano. Desta maneira, o trabalho trata do local como um índice de processos que, aliados à especulação imobiliária, acabam por gerar estes espaços abandonados na cidade.

O moinho, que hoje se encontra vazio, é parte da demonstração das novas lógicas comerciais que transformaram o ambiente urbano, não somente em São Paulo, como em outras cidades que passaram pela mesma lógica industrial. Além das marcas

históricas, as intervenções vivas, dos musgos aos pixos, deflagram a passagem do tempo e criam esse registro dinâmico sobre a situação urbana contemporânea.

Através do uso da xilogravura e da fotografia, como método de aproximação e interpretação da paisagem urbana, propus realizar uma série de 3 gravuras em grande formato que buscassem esmiuçar os aspectos que fazem deste local um índice. Com o propósito de criar analogias sobre as camadas de tempo e seus vestígios, utilizo a sobreposição de matrizes para criar uma imagem que desvele os processos históricos que atravessaram este ambiente.

\_ lucas leopoldo

\_orientadora: maria claudia levy



1. Matriz de MDF. 87x52,5cm, 2025.

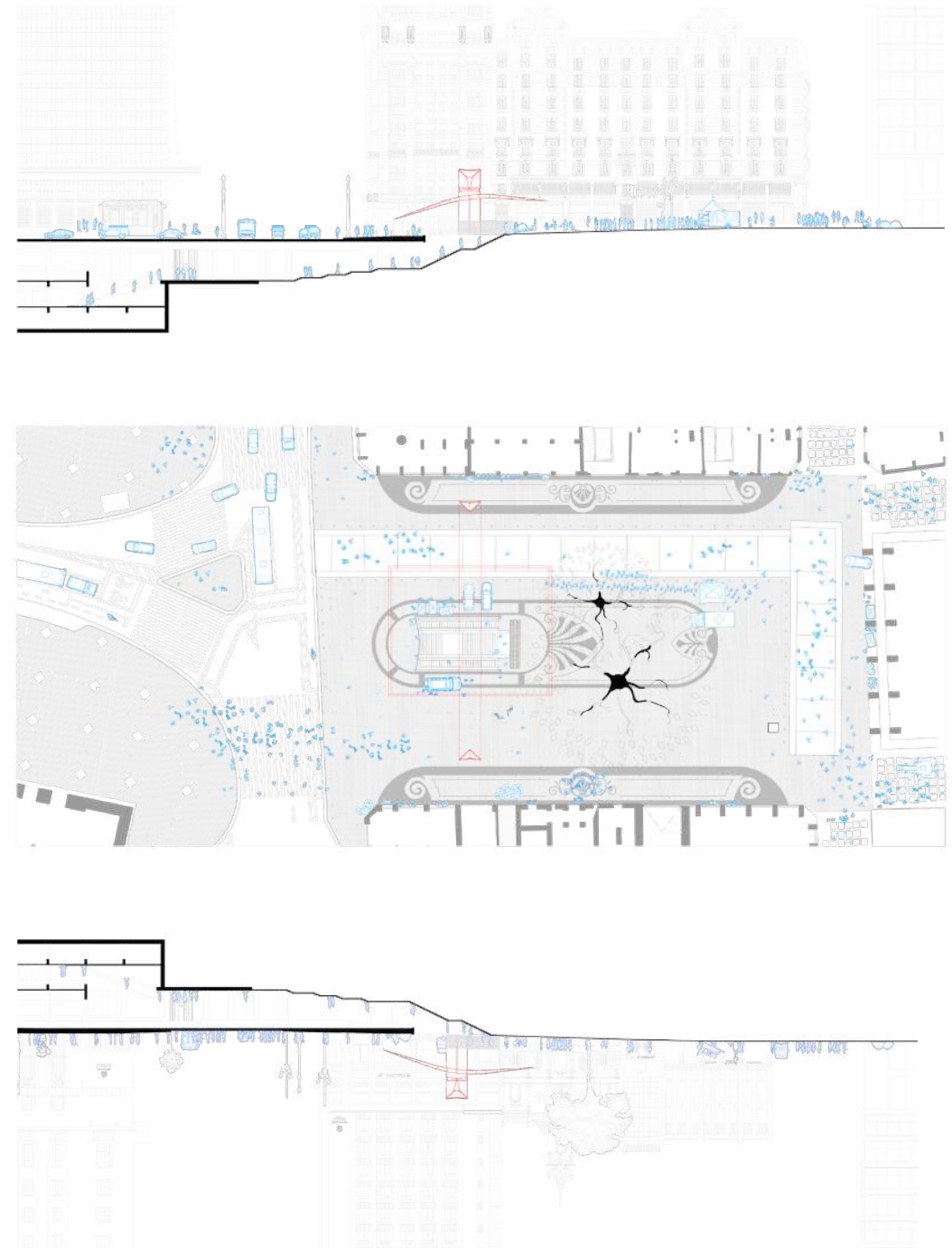
## Lugar-objeto, entre o desenho e a experiência

Lugar-objeto, entre o desenho e a experiência propõe a criação de um registro documental sobre a Praça do Patriarca, entendida tanto como lugar fundamental para a história do desenvolvimento de São Paulo quanto como objeto arquitetônico projetado por Paulo Mendes da Rocha, que articula em seu discurso de projeto as diversas dimensões temporais que conformam esse espaço na cidade. A partir de uma abordagem etnográfica, o trabalho se desenvolve por meio de uma pesquisa cartográfica, histórica, crítica e de campo, com o intuito de captar e registrar a passagem do tempo através do desenho — entendido aqui como instrumento de

observação, pensamento e narrativa. A investigação considera também a dimensão sensível da experiência urbana, observando os modos de uso e as dinâmicas cotidianas que reconfiguram o lugar. O trabalho se materializa em produtos híbridos que articulam texto e produção gráfica, explorando múltiplas formas de representar e compreender esse território estratificado e em constante transformação.

\_ maria piedade

\_orientadora: juliana braga



1. Épura da representação da pesquisa de campo etnográfica sobre a Praça do Patriarca.

## O uniforme do estudante de arquitetura

O presente Trabalho de Conclusão de Curso nasce de atravessamentos pessoais vividos durante a graduação em Arquitetura, especialmente da experiência cotidiana de carregar, adquirir e utilizar uma enorme quantidade de materiais exigidos pelas práticas pedagógicas da formação. Desde os primeiros semestres, a relação com os objetos de estudo não se deu apenas no campo teórico ou projetual, mas também através do corpo: um corpo que desloca maquetes, transporta folhas A1, armazena lapiseiras, trenas, escalímetros, note-books, tecidos, pastas e pranchetas. Um corpo marcado, muitas vezes, pela sobrecarga física e pelo peso simbólico de não conseguir atender a todas as demandas impostas pelo curso.

Mais do que um incômodo individual, essa experiência revela uma estrutura maior: a naturalização de uma cultura formativa excludente, que associa a qualidade do fazer arquitetônico à capacidade de consumo e à performance corporal constante. A Arquitetura, nesse contexto, se apresenta não apenas como disciplina técnica e criativa, mas também como campo social que reproduz desigualdades.

Como afirma Flávio Villaça (2001), as estruturas espaciais e institucionais

da cidade são também estruturas de exclusão, operando pela distinção dos corpos que podem ou não circular, permanecer e produzir dentro delas. A universidade, como parte dessas estruturas, não está isenta desses mecanismos. Marilena Chauí (2003) reforça essa perspectiva ao analisar a universidade como aparelho ideológico da classe dominante, em que a meritocracia encobre processos de seleção social e desigualdade de condições.

Diante desse cenário, o trabalho apresenta a criação de um “uniforme” não funcional e simbólico para o estudante de Arquitetura. O vestuário, produzido por meio da costura e da criação manual, foi desenvolvido a partir da experiência vivida no curso e busca se adaptar à rotina acadêmica e às exigências materiais cotidianas.

O uniforme atua como extensão crítica do corpo, expondo tanto a carga física de transportar objetos quanto o peso simbólico das desigualdades que atravessam a formação em Arquitetura

\_ maria stella bernardino tosold  
\_orientador: marcelo maia rosa



1. Foto conceito com Dries, por Pablo Saborido, 2025.

## Os graves da metrópole: Sound System enquanto tecnologia sônica e dias- pórica negra

Foram selecionadas: uma blusa do carnaval de Notting Hill encontrada no chão do metrô de Londres após o evento, dois livros comprados lá, um em uma exposição na Biblioteca Nacional chamada *Beyond the Bassline-500 Years of Black British Music* e o outro em uma loja de vinil no mercado de Brixton. O flyer é de um evento que fui na cidade de Bristol, também Inglaterra, de um amigo que fiz em campo. Embaixo há o caderno de campo produzido na viagem e ao lado outros cadernos de campo produzidos em São Paulo, em um grupo composto por Gabriel D'avila, Isabel Seber, Luiza Falcão e eu e um livreto de seus compilados somado a análises desenvolvidas em tempo de trabalho. Esses objetos ajudam em certa medida a traduzir a metodologia explorada em campo.

A pesquisa investigou o Sound System e o reggae como manifestações culturais e tecnologias sônicas da diáspora negra, analisando suas implicações estéticas, políticas e epistemológicas nas cidades contemporâneas. O estudo partiu da escuta, compreendida como prática metodológica, e do corpo em campo como instrumento de pesquisa, considerando a experiência sensorial e coletiva como forma de produção de conhecimento. O

som, especialmente o grave, é tomado como elemento central para compreender as formas de pertencimento e reconfiguração urbana que emergem das festas e encontros.

A metodologia se baseou em observação participante, diário de campo e registro visual e cartográfico, buscando compreender como o som atua tanto como prática social quanto como meio de articulação entre corpo, espaço e memória. Essa abordagem reconhece a oralidade, a performance e a experiência como formas legítimas de construção de saber, tensionando as fronteiras entre teoria e prática, pesquisa e vivência.

O Sound System se afirma como prática de resistência e de elaboração política, capaz de reconfigurar os modos de habitar e ocupar a cidade. O grave opera como um eixo de conexão entre corpos, tempos e territórios, materializando uma herança diaspórica que ressoa entre o Atlântico. Em síntese, o Sound System é compreendido como uma tecnologia que desafia o epistemicídio colonial, transformando o som em gesto político e o corpo em território de saber.

\_ vitória de mauro friso ajukas

\_orientadora: amália dos santos



1. Capa do caderno de campo da Inglaterra produzido com o que foi coletado na viagem;
2. Foto de um Sound System tirada pelo Isaac Eyes, parceiro de campo.

## Luz que revela, sombra que habita: Reflexões a partir de Olafur Eliasson e do Ma

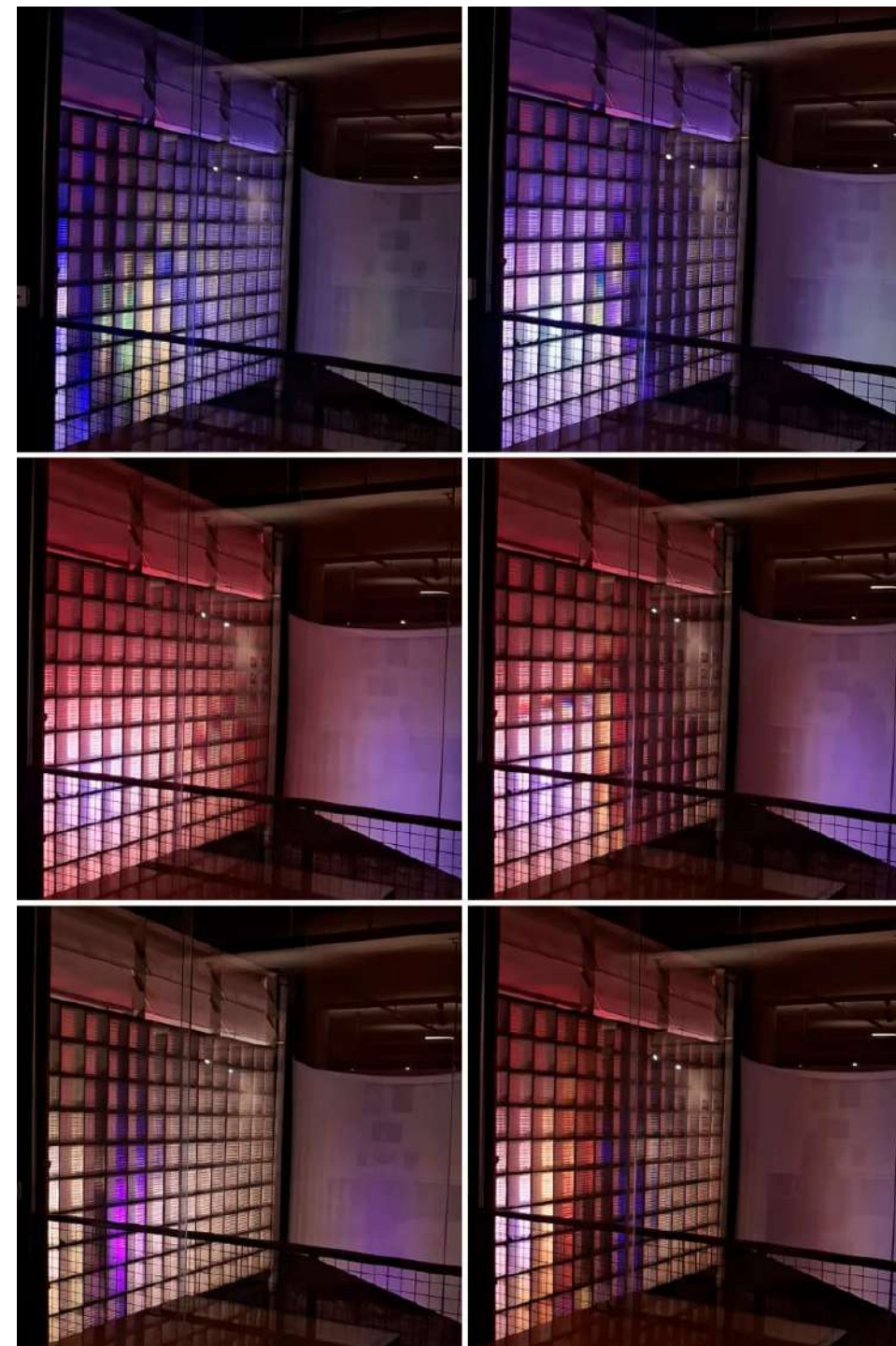
Este trabalho investiga a sombra como elemento narrativo na arte e na arquitetura contemporâneas, tomando como referência as obras de Olafur Eliasson e o conceito japonês de Ma, conforme apresentado por Michiko Okano. O estudo propõe um diálogo entre essas perspectivas para explorar o potencial da luz e da sombra na construção de espaços poéticos e sensoriais.

Superando a noção da sombra como mera ausência de luz, compreendendo-a como uma presença significativa, que articula o tempo, o movimento e a percepção. Nas instalações de Eliasson, o uso de recursos luminosos e sombreados geram atmosferas imersivas que aguçam a consciência corporal e espacial do observador. Já o conceito de Ma complementa essa visão, entendendo o vazio e a pausa como partes essenciais da experiência estética e da composição do espaço.

A investigação desdobra-se em um projeto experimental para a presente exposição, na qual luz e sombra são empregadas como materiais construtivos e as próprias características do edifício são mobilizadas como parte integrante do experimento. A proposta elege uma parede de tijolos de vidro como suporte para projeções de luz. A interação do público com um portal defronte a esse plano gera composições efêmeras, passíveis de observação a partir do interior da galeria. Dessa forma, o experimento demonstra como a contenção e a manipulação da luz podem criar atmosferas potentes, transformar a percepção do ambiente e ampliar a compreensão das relações entre corpo, matéria e ambiente.

\_viviane brites

\_orientador: joão sodré



1. Aula inaugural com a arquiteta Monica Bertolino;
2. Formatura da turma 2018 no auditório do MUBE.

# 4.

urbanismo  
história  
linguagens  
**tecnologia**  
projeto

## Abrigo: Arquitetura como enfrentamento às emergências climáticas

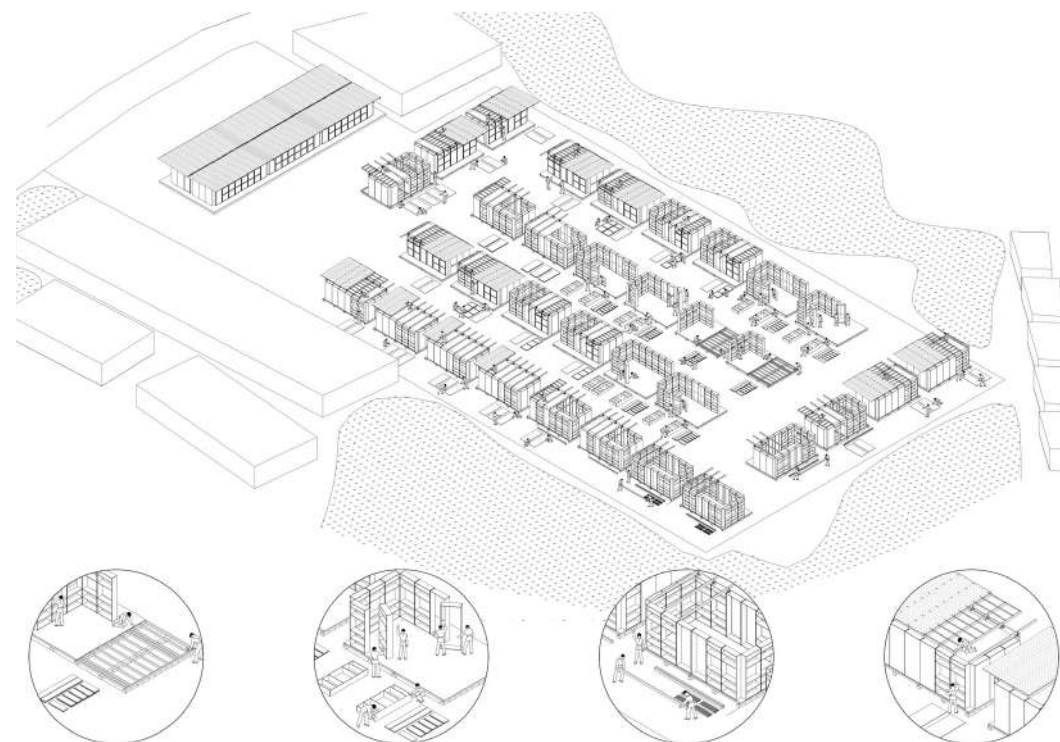
Diante das transformações climáticas que o planeta enfrenta e continuará enfrentando nos próximos anos, este trabalho busca refletir através da arquitetura soluções práticas e efetivas que possam impactar positivamente a vida das pessoas e comunidades locais, que mais são afetadas. Explorando por meio da arquitetura voltada a desastres emergenciais, como queimadas, enchentes e deslizamentos, novas formas de potencializar e adaptar soluções projetuais como resposta às mudanças iminentes.

O estudo tem como objeto de investigação o município de São Sebastião, no Litoral Norte do Estado de São Paulo, que em 2023 foi severamente afetado por deslizamentos de terra decorrentes das emergências climáticas. A proposta busca estratégias de amparo rápido e eficaz às famílias atingidas durante o período do "entre", entendido como o intervalo crítico entre o desastre e a realocação definitiva em uma nova moradia. Nesse tempo suspenso, torna-se essencial a criação de espaços temporários de abrigo emergencial, estruturas que, embora concebidas como provisórias, frequentemente se prolongam

além do previsto.

O abrigo proposto fundamenta-se em soluções dignas e adaptáveis, capazes de acolher e reconstruir vínculos em meio ao trauma e à incerteza. O sistema construtivo, de caráter modular, foi desenvolvido com foco na rapidez de montagem, na eficiência estrutural e na execução simplificada, dispensando a necessidade de mão de obra especializada. Essa configuração possibilita a produção local nos casos em que o envio dos componentes não seja viável, garantindo autonomia construtiva e o acolhimento imediato das famílias. Produzido com materiais de fácil acesso e ampla disponibilidade no território nacional, o abrigo assegura flexibilidade e adequação a diferentes contextos, podendo adaptar-se às necessidades específicas de cada núcleo familiar e reduzir os impactos psicológicos e logísticos provenientes das mudanças contínuas.

\_beatriz teixeira  
\_orientadora: noelia monteiro



1. Proposta de construção de módulos básicos para abrigar as famílias de forma imediata;
2. Modelo para módulo de abrigo.

## Centro comunitário de pesca caiçara: Cultura e turismo de base comunitária na Baía de Castelhanos

O Trabalho de Conclusão de Curso propõe a criação de um Centro de Pesca Comunitário na Baía de Castelhanos, em Ilhabela, com o objetivo de valorizar a cultura caiçara e fortalecer a pesca artesanal, principal fonte de renda da comunidade local. Mais do que um espaço de manejo do pescado, o projeto busca ser um ponto de encontro comunitário e um equipamento de apoio ao Turismo de Base Comunitária (TBC), prática já consolidada na região.

Além do apoio ao TBC, o projeto responde à falta de infraestrutura para o manejo do pescado, problema que gera perdas econômicas e dependência de atravessadores. O centro permitirá o armazenamento coletivo, o tratamento e a venda direta do peixe, agregando valor à produção e garantindo mais renda aos pescadores. O programa do edifício inclui ainda oficinas culturais, restaurante, loja, espaço expositivo e área para armazenamento de barcos, configurando um equipamento multifuncional capaz de articular as dimensões produtiva, cultural e social da vida caiçara.

O espaço expositivo será dedicado à história e à memória da comunidade, respondendo à queixa recorrente de que

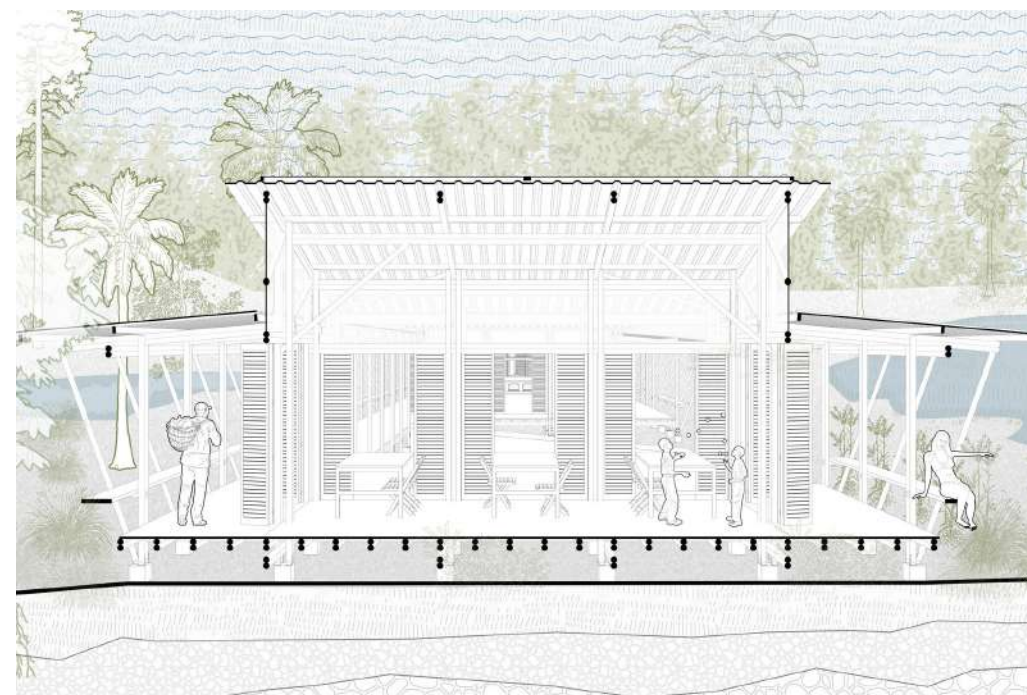
os caiçaras não são respeitados por falta de reconhecimento de sua trajetória. Ao dar visibilidade a essa herança, o projeto contribui para o reconhecimento da cultura caiçara como patrimônio cultural, reforçando o sentimento de pertencimento e orgulho coletivo.

A localização central na Baía de Castelhanos carrega um significado simbólico e político: trata-se de uma forma de reparação histórica diante da ocupação crescente do território por pessoas de fora, o que tem diminuído o protagonismo dos moradores tradicionais. Nesse sentido, o centro se torna também uma ferramenta de garantia territorial, reafirmando o direito dos caiçaras de permanecerem e se fortalecerem em seu território.

Unindo sustentabilidade, cultura e economia, o projeto propõe um espaço que expressa a identidade caiçara, promove a autonomia comunitária e reafirma o orgulho de ser caiçara, garantindo a continuidade desse modo de vida para as futuras gerações.

\_ lívia braggio

\_orientadora: anália amorim



1. Implantação do projeto;
2. Corte transversal.

## Casa Um: Estudo de viabilidade para bioconstrução urbana

Diante do expressivo impacto ambiental causado pela construção civil, torna-se urgente a investigação de métodos construtivos que priorizem a sustentabilidade e a integração com o meio ambiente. Além disso, a padronização da arquitetura feita hoje no Brasil acaba por apagar a riqueza e diversidade construtiva de um país que possui um vasto repertório de métodos, materiais e técnicas construtivas locais.

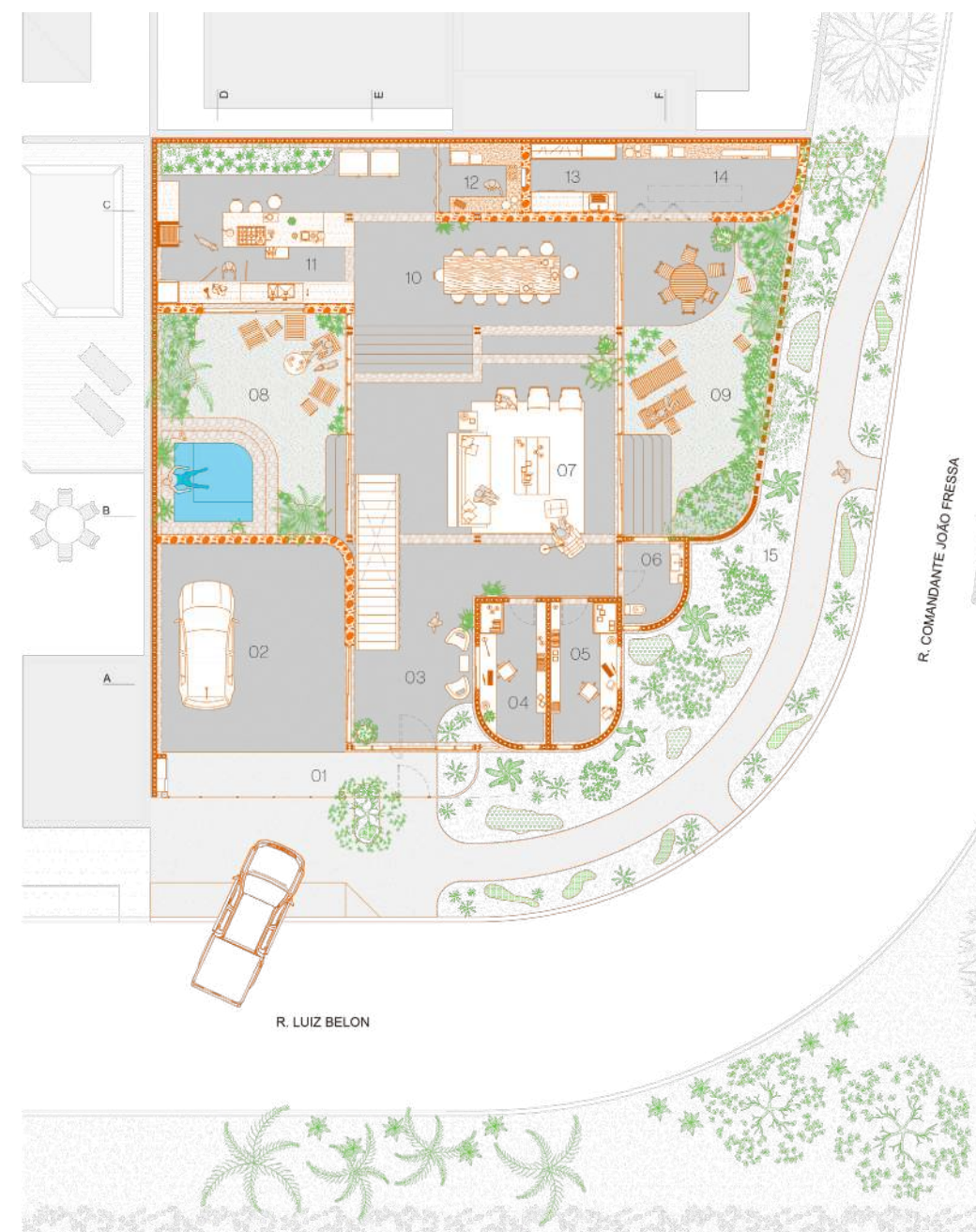
Devido a isso, este trabalho propõe o estudo da viabilidade da bioconstrução em contextos urbanos, a partir do desenvolvimento de um projeto residencial unifamiliar localizado na cidade de Batatais, São Paulo. O trabalho possui uma abordagem descritiva-projetual, que articula a análise do contexto urbano, social e ambiental com a investigação técnica de soluções construtivas naturais compatíveis com a realidade das

idades, considerando seus desafios e potencialidades.

Com base nessa investigação, desenvolve-se uma proposta arquitetônica que incorpora as técnicas mais adequadas ao contexto analisado, buscando aliar desempenho técnico e responsabilidade ambiental. Embora não se estabeleçam comparações diretas com sistemas construtivos convencionais, o trabalho apresenta apontamentos críticos que reforçam a bioconstrução como uma alternativa possível e pertinente no cenário urbano atual, contribuindo para a ampliação do repertório projetual e para a discussão sobre práticas sustentáveis na arquitetura.

\_ luís filipe pupin

\_orientadora: noelia monteiro



1. Planta baixa do pavimento térreo.

## Yachting por raízes generativas: Refit a partir de repertório técnico e material brasileiro

Partindo do reconhecimento de que o exercício do arquiteto pode se desdobrar também ao projeto de embarcações - e visando especialmente o segmento global de yachting -, a pesquisa busca tensionar o desenho enquanto ferramenta de transformação e subverter o que se entende como sofisticado em um mercado fortemente pautado por soluções projetuais padronizadas e repetitivas.

A partir desse ponto, desenvolve-se uma análise detalhada das relações contemporâneas do mercado náutico internacional, observando suas contradições frente à crescente demanda por soluções ambientalmente conscientes. Foram identificados gargalos, tendências e hipóteses que evidenciam a necessidade de repensar não apenas materiais e processos produtivos, mas as próprias premissas de projeto que estruturam a indústria.

Em paralelo, constrói-se uma reflexão antropológica sobre o desenvolvimento da arquitetura náutica brasileira, posicionando o Brasil como repertório técnico e material de valor para o setor. Essa investigação se ancora em práticas ancestrais da construção naval, como a das canoas monóxilas, que revelam modos de fazer empiricamente testados e transmitidos de forma geracional, marcados por

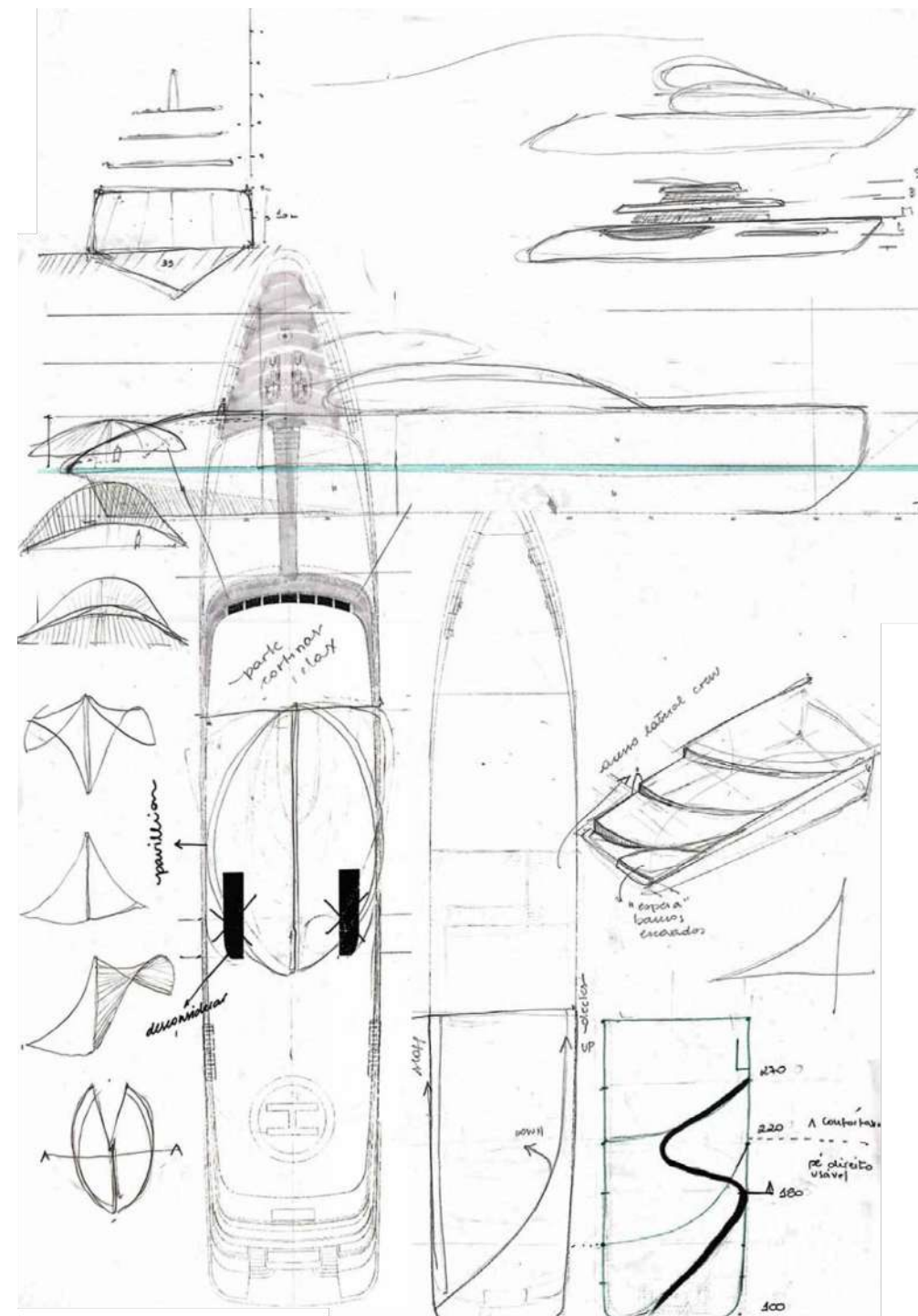
sofisticação técnica, economia de meios e inteligência material.

O encontro entre esses dois campos - a indústria náutica internacional e o conhecimento tradicional brasileiro - dá origem a um ensaio narrativo e projetual de aproximação. Parte-se da hipótese de que, dentro do repertório construtivo brasileiro, residem princípios operativos e valores técnicos capazes de informar novas práticas ao design náutico contemporâneo, especialmente diante da urgência ambiental e da necessidade de estratégias regenerativas.

Como síntese, apresenta-se um refit autoral de 60 m que estrutura uma matriz de decisões técnicas e materiais, esclarece limites e alcances da aproximação proposta e oferece um conjunto operativo aplicável a contextos industriais. A contribuição reside em afirmar o repertório técnico brasileiro como insumo qualificado ao debate internacional sobre sustentabilidade e design náutico, com efeitos práticos sobre legibilidade construtiva, manutenção e circularidade.

\_marina coufal tiellet

\_orientador: valdemir lúcio rosa



1. Croquis do processo, 2025.

## Da carga à casa: Containers como espaço de vida para estudantes

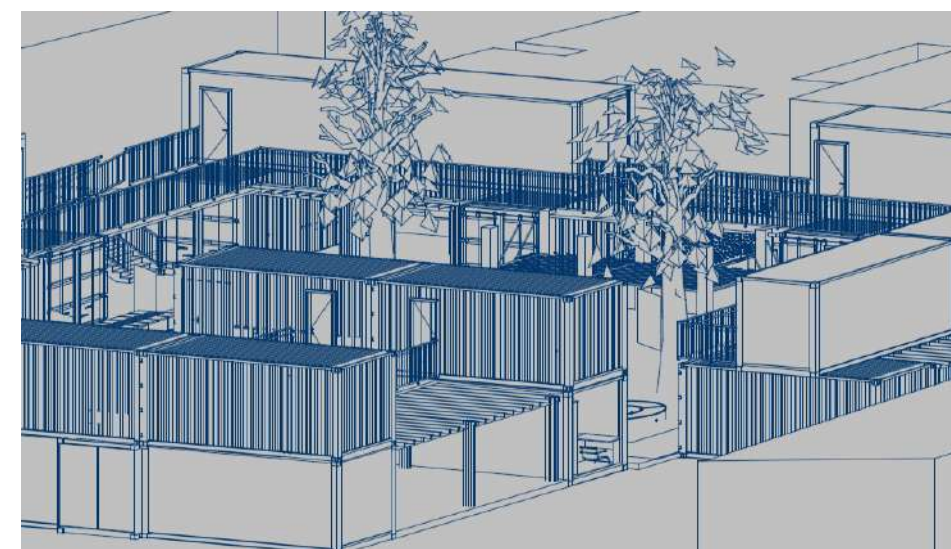
Pesquisa sobre construções em containers com ênfase no desenvolvimento de uma unidade habitacional coletiva para estudantes em São Paulo. O estudo fundamenta-se no conceito de coabitação de baixo custo, semelhante a uma residência estudantil, e busca responder à escassez crítica de soluções habitacionais adequadas para esse público. O objetivo central é estabelecer um ambiente construído que seja ao mesmo tempo funcional, sustentável e favorável ao bem-estar de seus usuários.

Setores urbanos caracterizados por alta concentração de estudantes frequentemente carecem de infraestrutura habitacional adequada, o que impacta diretamente sua qualidade de vida, ampliando os tempos de deslocamento e aumentando a exposição a adversidades sociais e ambientais. Nesse contexto, o projeto proposto visa o desenvolvimento

de uma residência estudantil destinada a acolher alunos de universidades públicas e privadas, promovendo a vida coletiva, a integração social e o compartilhamento de práticas cotidianas.

Ao reutilizar containers marítimos desativados, já inviáveis para o transporte de cargas, o projeto adota uma abordagem ambientalmente responsável e economicamente eficiente, alinhando inovação arquitetônica a princípios de sustentabilidade e respondendo aos desafios contemporâneos da habitação urbana estudantil.

\_ tamires helena ruffino da cruz  
\_orientadora: maria julia herklotz



# 5.

urbanismo  
história  
linguagens  
tecnologia  
projeto

## Habitação mínima: O ser que habita e o ter que ocupa

Será proposto um projeto de uma habitação mínima, que busca solucionar ao máximo problemas sociais, ambientais e culturais. Buscando flexibilidade e mobilidade, assim como um menor custo de construção e manutenção para que se encontre novas formas de viver com mais significado, eficiência e consciência.

Desenvolver uma proposta de habitação mínima, inspirada em experiências pessoais de moradia móvel, que responda aos desafios de sustentabilidade, acessibilidade habitacional e qualidade de vida em espaços reduzidos, propondo um modelo replicável, modular e adaptável ao contexto urbano atual.

O trabalho busca refletir sobre novos modos de vida contemporâneos, mais flexíveis e conectados à natureza,

inspirando novas formas de habitação que atendam tanto a questões sociais quanto ambientais. O projeto também tem potencial para influenciar políticas públicas e novas abordagens na construção de moradia.

Este projeto de habitação mínima visa propor um modelo acessível, sustentável e funcional para enfrentar o déficit habitacional urbano. Através de soluções projetuais como espaços multifuncionais e o uso de tecnologias sustentáveis, espera-se demonstrar que é possível viver com qualidade em pequenas áreas, minimizando o impacto ambiental.

\_caio magalhães

\_orientador: josé maria macedo



1. Diagrama aberto de conexão modular;
2. Adaptação do módulo à situação de montanha.

## Museu Vladimir Herzog

Este trabalho propõe a criação de um museu memorial sobre a Ditadura Militar brasileira, utilizando a arquitetura como ferramenta para materializar a memória e o trauma desse período tão profundo e obscuro de nossa história.

Através de estratégias espaciais que manipulam luz, materiais e percursos, o projeto busca ser algo além de uma casca que abriga uma expografia e sim transformar a narrativa histórica em uma experiência sensorial, promovendo a

reflexão sobre os direitos humanos e a democracia.

"A atmosfera não é criada pelos objetos, mas pelo espaço ao redor deles, pela luz, pelo som e pelo fluxo de movimento."

ZUMTHOR, Peter

\_eduardo da silva ugarte baltazar

\_orientador: eduardo ferroni



1. Perspectiva da Praça Vladimir Herzog;
2. Perspectiva da Sala de Exposição Principal.

## Vila Sahy: Memória, Educação e Permanência

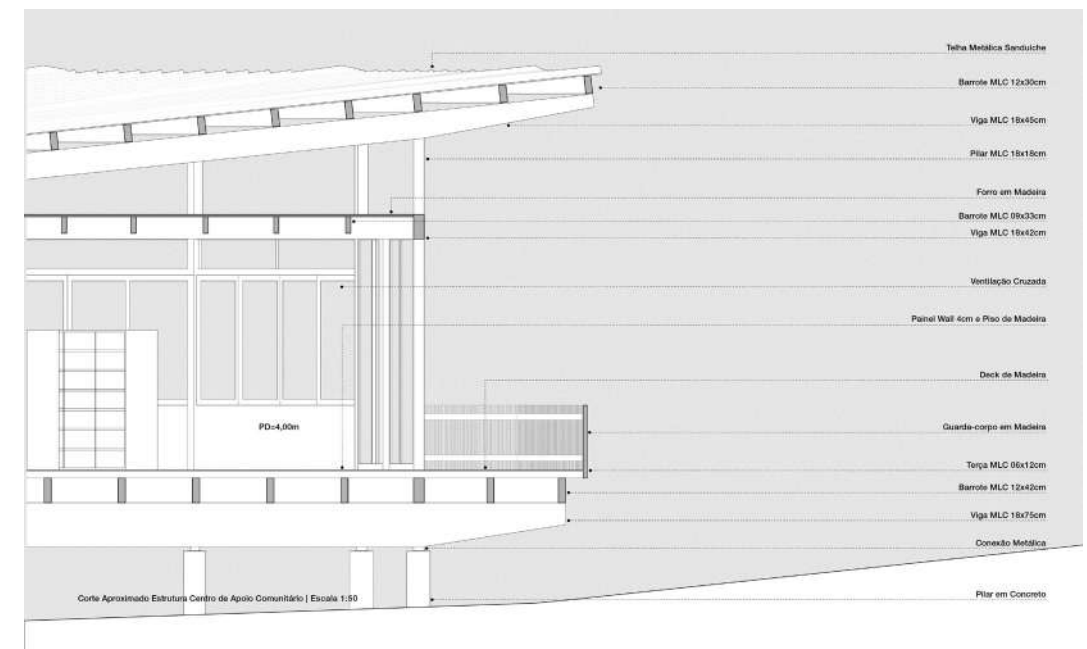
A pesquisa investiga a Vila Sahy — comunidade situada no Litoral Norte de São Paulo que sofreu intensamente com um evento meteorológico em fevereiro de 2023 — e seus moradores. Muitos destes, mesmo diante das perdas materiais e da oferta de reassentamento no conjunto habitacional do bairro vizinho, Baleia Verde, optaram por permanecer em suas casas, motivados por vínculos afetivos, pessoais e pela memória coletiva construída ao longo dos anos. Essa escolha revela que a permanência não se sustenta apenas na materialidade das moradias, mas no pertencimento e nas relações comunitárias que caracterizam o território. Contudo, a continuidade da vida cotidiana encontra uma infraestrutura urbana precária, especialmente na ausência de equipamentos educacionais adequados e próximos à Vila.

Diante desse cenário, o estudo propõe

o desenvolvimento de um conjunto educacional que abrange Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e um Centro de Apoio Educacional Comunitário. O objetivo é fortalecer a permanência dos moradores e oferecer condições dignas de acesso à educação e à vida pública. A escolha pela madeira engenheirada como sistema construtivo responde à necessidade de um método sustentável, de canteiro seco e baixo impacto ambiental, adequado à sensibilidade do local. Mais do que propor edificações, o projeto busca refletir sobre a arquitetura como instrumento de reconstrução, identidade e cuidado com o território.

\_daniel ballaminut cohn

\_orientadora: juliana braga



1. Corte aproximado para estrutura do Centro de Apoio Comunitário;
2. Implantação dos módulos.

## Atlas: O peso do comum

Estudar arquitetura e urbanismo é estudar os processos de construção do mundo, das relações que se estabelecem entre as pessoas, as comunidades e o espaço. É uma faculdade que abarca tanto dimensões técnicas como cálculo e legislação, quanto dimensões humanas como história, arte, e filosofia. Além disso, seria imprudente e arrogante ignorar as dimensões biológicas, ecológicas e sociais do nosso trabalho. Pensar a cidade implica refletir sobre as forças que moldam as desigualdades que se inscrevem em seu território. Entre os aprendizados que marcaram minha formação, destaca-se o conceito de "reprodução espacial da desigualdade": a constatação de que a exclusão social é produzida e reproduzida em um ciclo que não é natural. Nada acontece ao acaso e, em última instância, tudo é político.

No entanto, não cabe a nós (nem a ninguém) carregarmos o peso do mundo

nas costas. Nesse sentido, nosso trabalho é compartilhar, ou até mesmo compatibilizar diversos conhecimentos e perspectivas. Existem outras realidades, outras formas de desenhar a cidade. Cabe a nós estudá-las, mostrá-las, e pensar em como viabilizá-las.

Este trabalho propõe uma reflexão projetual sobre a habitação em um bairro "nobre" da cidade de São Paulo: o Itaim Bibi. A proposta busca revelar e tensionar as contradições do processo de urbanização contemporâneo, propondo um modelo alternativo de ocupação que garanta o direito à cidade — partindo da coexistência e do reconhecimento mútuo, em vez da segregação e da exclusão.

\_dante rovere

\_orientador: ruben otero



1. Planta baixa do andar Tipo A;
2. Perspectiva a partir da Avenida São Gabriel.

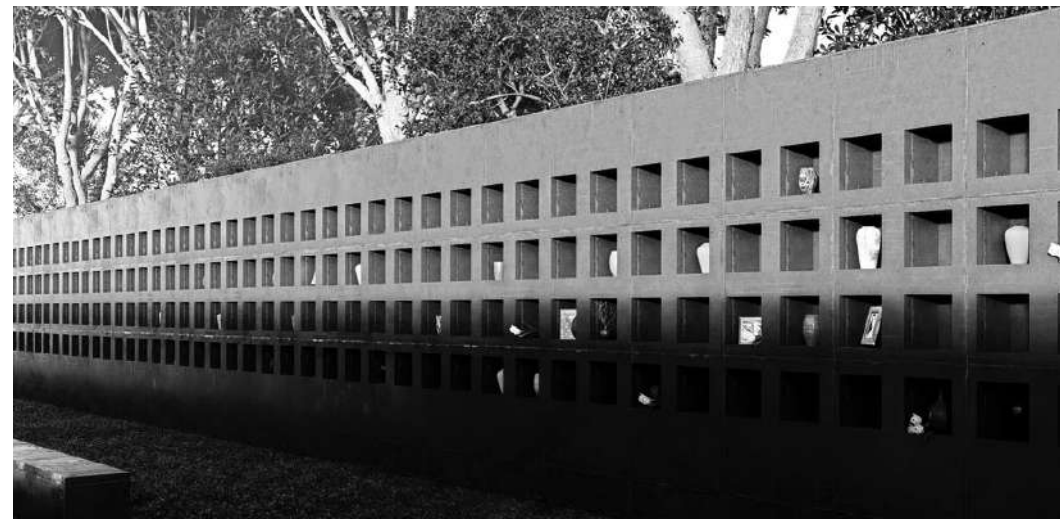
## Um lugar para partir: Ensaio para um crematório

Este trabalho propõe uma investigação sobre como a arquitetura pode traduzir o luto em espaço, articulando teoria, escrita e projeto. "Um lugar para partir: ensaios para um crematório" nasce como um campo de experimentação poética e metodológica, no qual a escrita assume importante papel — não apenas como instrumento de representação, mas como modo de pensar e projetar.

A pesquisa parte da hipótese de que o espaço pode acolher a ausência e permitir a elaboração simbólica da perda. Através da luz, da sombra, da forma e da materialidade, busca-se construir uma experiência que dialogue com o sensível, revelando como a arquitetura pode agir sobre as pessoas — não apenas como abrigo físico, mas como presença emocional e simbólica.

O trabalho se estrutura como um ensaio, onde cada gesto de projeto se torna também um gesto de escrita. A experimentação espacial é acompanhada por uma reflexão sobre o ato de habitar o luto: caminhar, olhar, permanecer. Entre ensaio e projeto, palavra e forma, o trabalho constrói um pensamento arquitetônico de processo — uma tentativa de compreender a arquitetura como mediadora entre o que parte e o que permanece.

\_clara de oliveira borges  
\_orientador: gabriel kogan



1. e 2. Ensaio espacial para o crematório

## Parque Escola: Requalificação urbana do Abrigo Luz

O trabalho propõe a requalificação do Abrigo Luz, localizado no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, por meio da criação do Parque Escola da Moda, um projeto que busca articular educação, espaço público e integração urbana. O terreno, situado em uma área estratégica próxima à Estação da Luz, está inserido em um contexto fragmentado pela presença da linha férrea, que historicamente atua como uma barreira física entre os bairros do Bom Retiro e Campos Elíseos. A proposta parte da compreensão dessa descontinuidade urbana e busca restabelecer as conexões interrompidas, promovendo novas relações de atravessamento e convivência.

O projeto propõe um sistema de passagens e praças elevadas que ultrapassam o traçado do trem,

conectando as cotas distintas e aproximando os dois lados da cidade. A partir desse gesto urbano, a escola assume papel central como equipamento articulador, funcionando não apenas como espaço de ensino, mas como mediadora entre o bairro e a produção cultural local. Inspirado pela forte presença da moda e da confecção no Bom Retiro, o programa abriga oficinas, salas de aula, áreas expositivas e espaços abertos para desfiles e eventos comunitários, fortalecendo o vínculo entre formação profissional e território.

\_enzo amadei

\_orientadora: marta moreira



1. Implantação da proposta.

## Quimera: Dissecação e recomposição anatômica da sauna gay

Dissecar um corpo é decompô-lo de modo sistemático para compreender seu funcionamento e características, viabilizando seu estudo e registro. Na arquitetura, a "anatomia" do edifício é denominada tipologia: o conjunto de partes de determinado edifício que o enquadra em uma categoria. A categorização, contudo, é uma faca de dois gumes, pois restringe aquilo que qualifica e, ao mesmo tempo, o eleva a um patamar superior de reconhecimento e visibilidade, permitindo estudo, registro e memória.

Nesse sentido, é essencial analisar espaços que existem na periferia do cânone arquitetônico, além das fronteiras da propriedade e da moral, para dar voz ao meio e às comunidades que os geraram, e para questioná-los.

Assim como a quimera, a sauna gay é um corpo híbrido, composto pela mimese de diversos espaços urbanos, públicos e privados, onde a sociabilidade ocorre por meio do sexo casual, da nudez e da ocultação. É um organismo arquitetônico que reúne fragmentos do clube, do bar, do labirinto urbano e dos banhos, recombina-os em uma nova anatomia.

O projeto apresentado como fruto desta pesquisa desenvolve-se em dois eixos complementares. O primeiro, teórico, investiga a história do banho público e seus desdobramentos sociais e morais. Parte das termas gregas e romanas, passa

pelos hammams árabes, pelos balneários europeus e chega ao contexto urbano brasileiro, atravessado por disputas raciais, de classe e de gênero.

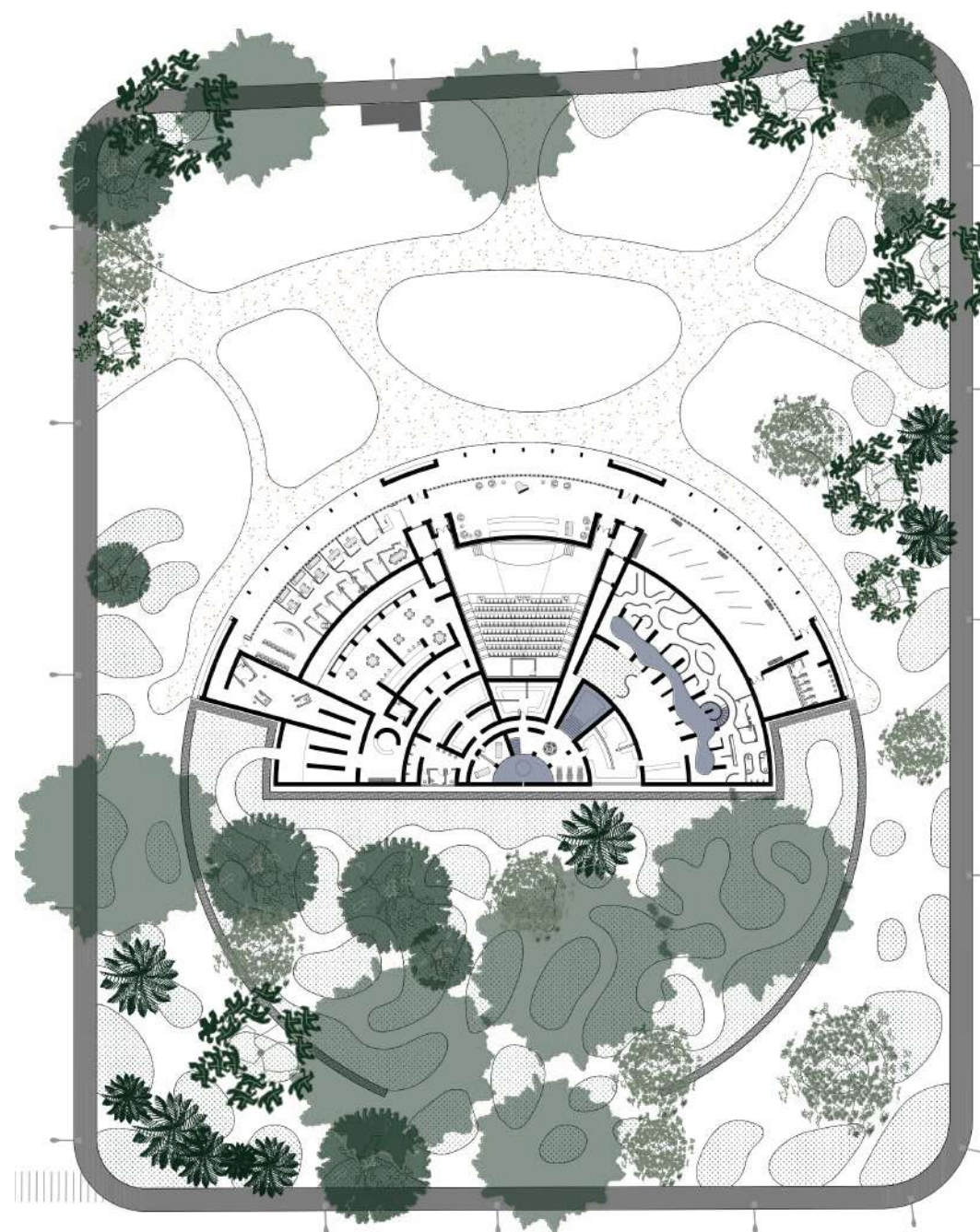
A partir desse pano de fundo, o texto analisa o surgimento da sauna gay cosmopolita como tipologia autônoma e paradigma ocidental da sociabilidade homoerótica. Nela, prazer e vigilância de gênero se entrelaçam: o homoerotismo encontra refúgio, mas condicionalmente. Esse olhar culmina na anatomia crítica da sauna gay, uma dissecação tipológica que examina cada parte constituinte, da fachada ao interior do labirinto. Cada ambiente é analisado quanto à sua materialidade, à sua dramaturgia corporal e à forma como regula o desejo e o encontro.

A Quimera não busca resolver as tensões que descreve, mas responder pontualmente, por meio do projeto, a algumas das questões oriundas de suas disputas internas. Ao dissecar e recompor esse corpo, o projeto testa os limites da tipologia, do público e do privado e, até, do íntimo e do devassado.

\_felippe augusto pinheiro samburgo

\_orientadores: pedro beresin

michael a. f. parra



1. Implantação da proposta nas Praças Marechal Bittencourt e Aureliano Leite.

## Camadas Reescritas: Um projeto de requalificação patrimonial como ativação urbana e cultural

A requalificação de um edifício com características modernistas, construído em 1965 e atualmente desocupado no Centro Histórico de Vitória, é o tema deste trabalho de conclusão. O objetivo é transformá-lo em um equipamento urbano ativo, voltado à cultura, ao lazer e à economia criativa local. A proposta reconhece o potencial simbólico, histórico e paisagístico da edificação e busca reconectá-la ao seu entorno por meio de novas aberturas visuais e de usos diversificados, ao mesmo tempo em que valoriza sua pré-existência arquitetônica.

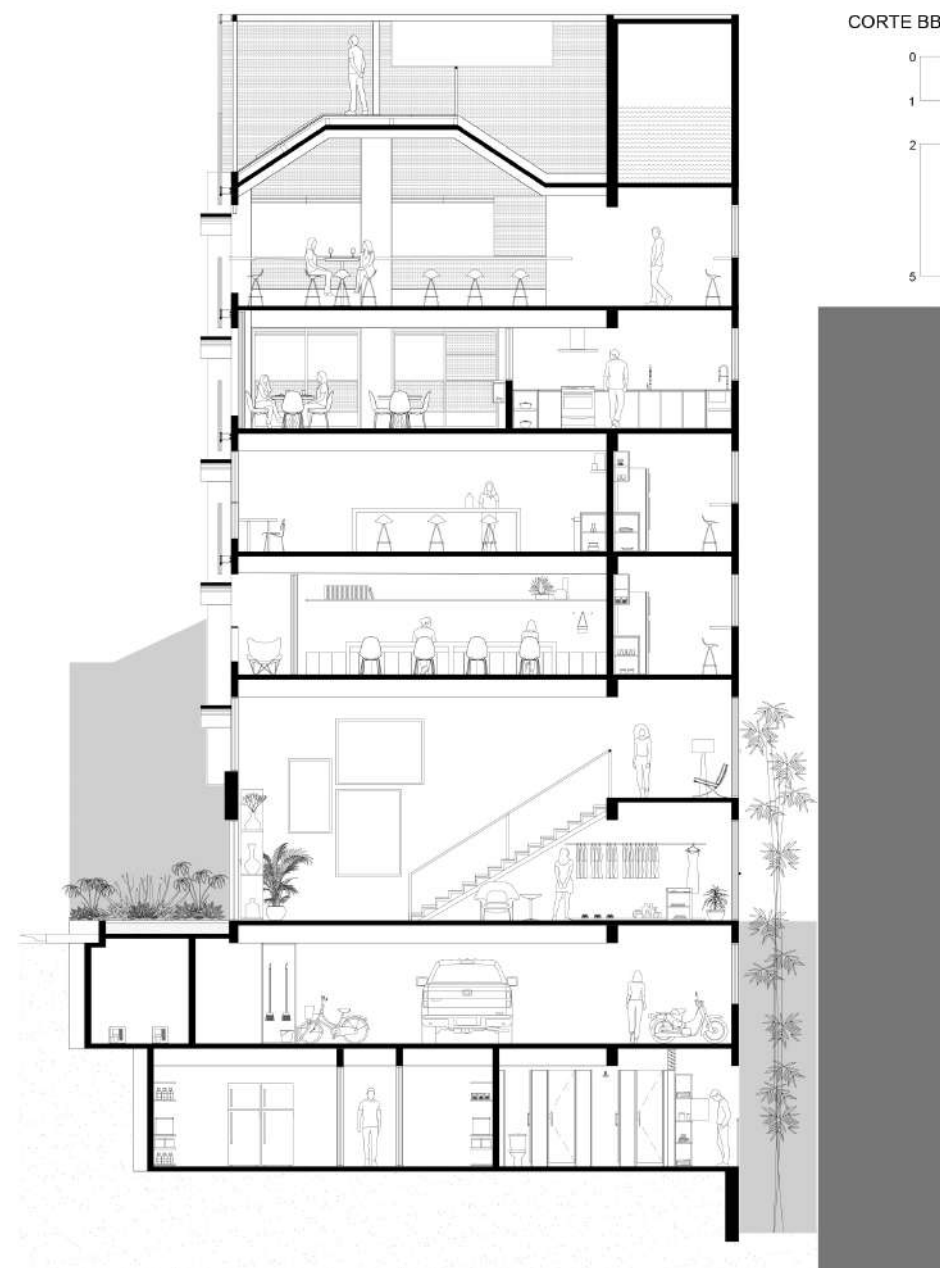
O conceito central do projeto é a articulação equilibrada entre ambientes coletivos e privados, estimulando a convivência e o senso de pertencimento, sem abrir mão da individualidade e da autonomia de cada espaço. Os usos são distribuídos ao longo dos pavimentos de forma estratégica: os subsolos concentram funções logísticas, técnicas e operacionais; o térreo atua como espaço de acolhimento e ativação urbana, com recepção, loja colaborativa e área expositiva; o primeiro pavimento, convertido em um mezanino, abriga um café com conexão visual direta com a rua; o segundo e

o terceiro são voltados ao trabalho criativo, com escritórios e ateliê; o quarto andar comporta um restaurante com vista ampliada para o porto; o quinto pavimento é convertido em uma área aberta com bar e espaço para eventos; no topo, a cobertura, antes sem uso, transforma-se em um mirante com rampa para repouso e contemplação da paisagem urbana.

Mais do que uma intervenção arquitetônica, o trabalho propõe a reativação simbólica, funcional e sensível de um edifício inserido em uma malha urbana rica, porém fragilizada. Ao incorporar valores patrimoniais, práticas culturais contemporâneas e novas formas de ocupação, o projeto busca não apenas preservar, mas também ressignificar o papel do edifício na dinâmica da cidade, contribuindo para a revitalização do Centro de Vitória como território de diversidade, criação e memória viva.

\_gabriel chieppe kroeff

\_orientador: josé maria macedo



1. Corte transversal da proposta de retrofit.

## Santuário ecológico: Um estudo em meio ao cerrado brasileiro

Os Santuários, assim como os Zoológicos, são realidades nacionais e concorrem por espaço no manejo e proteção aos animais. O projeto se propõe a estudar tais espaços e apresentar um novo modelo de Santuário Ecológico, que congrega estudo e proteção, não só da fauna como da flora e não se desvincula da atividade ecológico-educativa.

O modelo de Santuário Ecológico apresentado se torna uma alternativa mais flexível e adaptável às necessidades das espécies, além de criar a possibilidade do animal se estabelecer eternamente nesse novo espaço, também permite a readaptação à vida na natureza. É um refúgio animal, um local de estudo ambiental, além de ser preparado para o cuidado físico e fisiológico das espécies ali acolhidas.

O projeto, portanto, apresenta a criação de um Santuário Ecológico na Reserva Extrativista Lago do Cedro, em Goiás, próximo a cidade de Aruanã, voltado especialmente para os animais do Cerrado brasileiro. Tal opção se deu pela vulnerabilidade do bioma, da fauna e flora locais e pela sua capacidade em abrigar espécies distintas e singulares. O Cerrado está sendo devastado pelo agronegócio e pelo avanço da urbanização no Brasil

central, além de ser vítima das queimadas criminosas, do descaso dos poderes públicos e dos efeitos das mudanças climáticas.

Para tanto foi criado um complexo composto por centro veterinário, salas de preparo e depósito de alimentos, biblioteca, cozinha, refeitório, alojamentos e auditório. Além de mirantes de observação voltados para habitats designados aos animais, estradas para o acesso interno e um rio artificial para o aumento de umidade local. O modelo apresentado pretende trazer a comunidade extrativista, as comunidades indígenas e a população da cidade de Aruanã para junto desse projeto, no sentido de torná-lo um catalisador de soluções biosustentáveis.

Aos animais, cada espaço foi pensado e dimensionado pelas suas características e hábitos. Já com as plantas, o trabalho será de reflorestamento e de estímulo às populações do entorno, e dentro da própria RESEX, adotarem o cultivo e a manutenção da flora nativa.

\_ maria fernanda fernandes donato  
\_orientador: vito macchione



1. Chegada ao Santuário Ecológico;  
2. Pátio entre os edifícios.

## Residuais: Entre linhas e cicatrizes

O trabalho forma-se a partir da definição da arquitetura como a conformação de vazios para a vida na cidade. Essa perspectiva busca a potência propositiva nos residuais urbanos (seus espaços, ocupações e dinâmicas) e entende o resíduo como terrain vague, lugar do possível, do encontro e da expectativa.

Visando analisar e enfrentar os impactos da construção de infraestruturas urbanas de forma desenfreada e sem planejamento coletivo, que constrói eixos que cindem o território e criam lados não conectados, intransponíveis, definidos aqui como cicatrizes. As faixas não edificantes de infraestruturas, como oleodutos, linhas de alta tensão e rios, são exemplos desses rasgos significativos no tecido urbano. A permanência desses espaços, decorrente do descaso com a urbanidade em territórios periféricos na cidade de São Paulo, é vista como potencialidade espacial para incorporar espaços públicos, culturais e de bem-estar social e coletivo em uma região de alta densidade e ocupação.

A Penha, bairro antigo da Zona Leste da cidade, é marcada pelo caráter cultural e histórico que ainda impacta de forma considerável a população de todo o seu

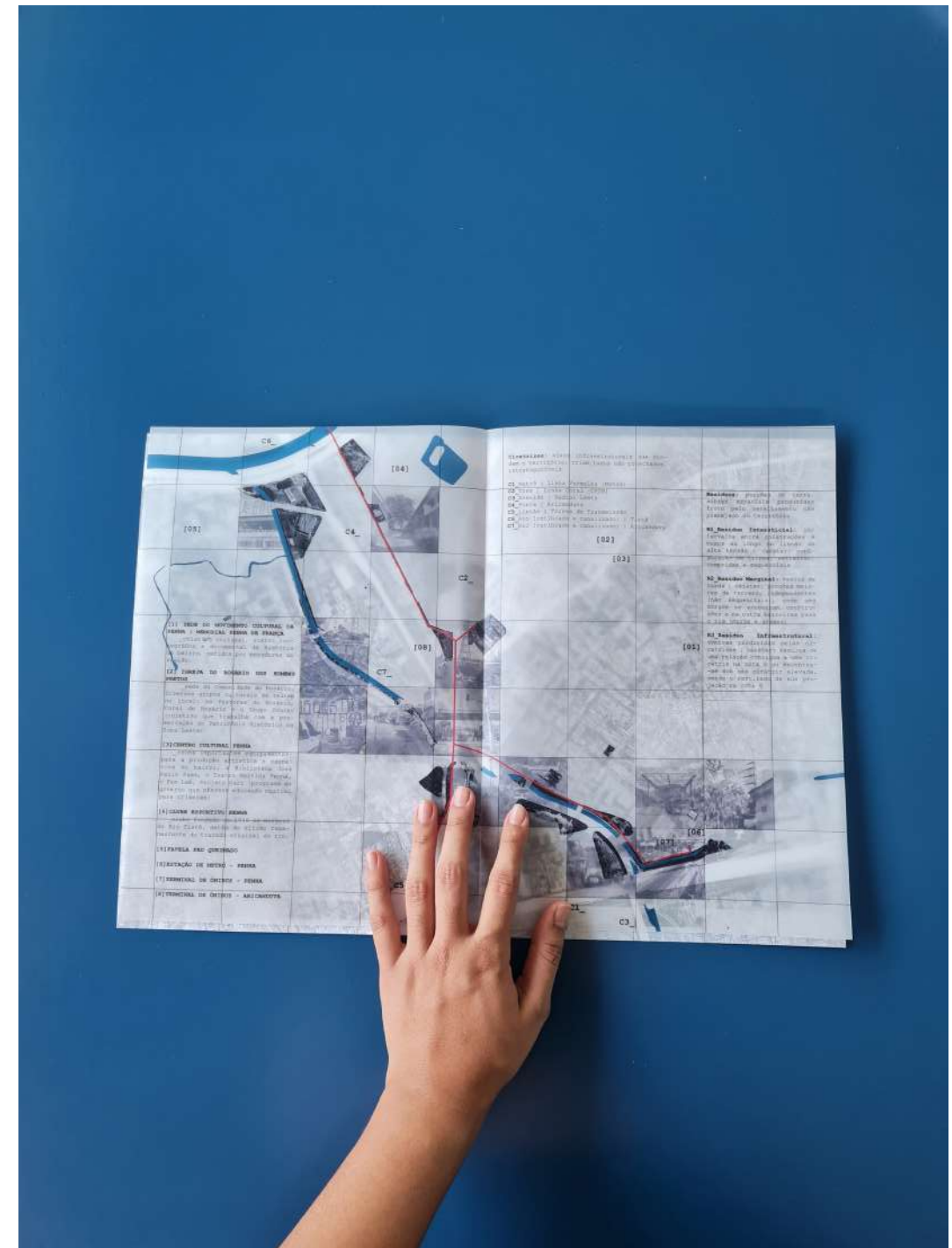
entorno. No atual trabalho, é o palco da pesquisa e reflexão projetual apresentada, um pedaço de cidade que reúne suas especificidades e embates.

Através de processos alternativos de fotografia e impressão, como a cianotipia e as gravuras, desenham-se relações na construção da arquitetura, em busca de revelar aquilo que está oculto na cidade. Apropriando-se da transformação do negativo para o positivo, da interação controlada entre luz e escuridão, tensão entre interior e exterior, opostos que constroem uma mesma cidade.

O vazio não é uma ausência, mas uma presença pensada e elaborada, algo a ser projetado. Caracteriza-se por ser um espaço livre e desocupado, mas preenchido de conteúdo.

Onde a vida acontece.

\_ melissa alves vasques pereira albano  
\_ orientadora: anna juni



1. Registro do caderno físico, suas transparências e sobreposições.

## Quando o chão é o vazio: Na Grotta do Bixiga, entre possíveis chãos para São Paulo

Como agente fundamental da experiência humana e elemento central do fazer arquitetônico, parte-se do chão. Longe de mero suporte físico, aproxima-se de seu sentido enquanto superfície ativa de contato: a interface limiar entre céu e terra, o vazio superficial moldado na (e pela) matéria capaz de converter espaço em lugar, oferecendo trânsito e aderência suficientes para a vida coletiva acontecer.

A investigação se desenvolve, assim, em oposição à cultura construtiva em São Paulo que neutraliza tal agência e que violentamente negligencia (e comprime) o espesso chão da metrópole. No acúmulo excessivo e incessante de cheios pouco significativos, territórios são soterrados e paisagens solidificadas em relevos hostis. Fragmentados, cacofônicos e opacos, são impermeáveis ao corpo e aos sentidos.

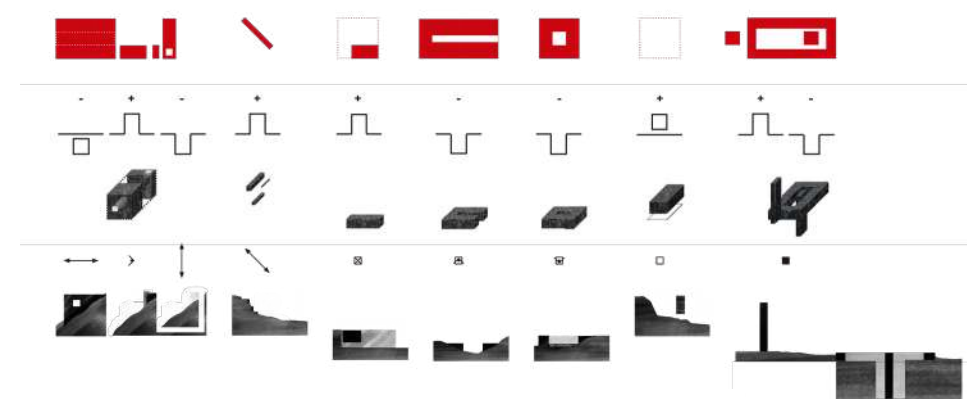
Nesse cenário, o trabalho explora potenciais direções de cultivar o chão de (e

para) São Paulo – entre escavar, preservar e qualificar vazios por uma maior porosidade, rugosidade e permeabilidade do existente – a partir da Grotta do Bixiga.

Vale-se, para tanto, da aproximação ao território cuja topografia, sociabilidades e ocupação entrelaçam-se indissociavelmente em resistência à cidade homogeneizante, bem como de exercícios especulativos de desenho, que não se pretendem encerrados. Mais do que formalizar propostas ou projetos, o trabalho, aprendendo da Grotta, abre-se às potenciais significâncias e desdobramentos de construir vazios e desenhar chão.

\_ thiago costa

\_orientador: álvaro puntoni



1. Síntese gráfica da análise dos vazios;
2. Ensaios para ocupação do território.

6.

**ficha técnica**

**Ficha Técnica**

Exposição “Trabalhos Finais de Graduação”

**Galeria da cidade**

Alvaro Razuk, Antonia Moraes

**Comunicação**

João Sodré, Brisa Dultra, Vinícius Rodrigues

**Núcleo de design**

Luciana Orvat, Gabriel Dutra, Camila Hashimoto, Giovana Alves

**Baú**

Tiago Santana, Catarina Godke, Lucas Carvalho

**Conselho técnico**

Vinicius Andrade, Maria Julia Herklotz, Thiago Mendes, Claudio Nogueira, Jailson Oliveira, Ronaldo Felisberto, Ronaldo Tavares

**Montagem**

Equipe EC + Alunos

**Associação Escola da Cidade 2025**

Alvaro Puntoni (presidente)  
Fernando Viégas (presidente)  
Marta Moreira (presidente)

**Conselho Escola**

**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**

Cristiane Muniz (diretora)  
Maira Rios (diretora)  
Vinicius Andrade (coord. pedagógico)  
Eduardo Ferroni (coord. pedagógico)

**Conselho Científico**

Anália Amorim (diretora)  
Marianna Boghosian Al Assal (diretora)  
Carolina Heldt (coord. de pesquisa)  
Bruna Bonfin  
Matheus de Jesus

**Conselho Técnico**

Guilherme Paoliello (diretor)  
Maria Júlia Herklotz (coord. de projetos)  
Thiago Mendes (coord. edifício)

**Conselho Social e de Comunicação**

Anderson Freitas (diretor)  
Pedro Vada (coord.)  
João Carlos Kuhn (coord. inclusão)

**Conselho Fábrica-Escola de Humanidades**

Ciro Pirondi (diretor)  
Denise Jardim (dir. pedagógica)  
Jenifer Sousa (dir. pedagógica)  
Vitor Pissaia (dir. pedagógico)  
Renata Palladini (dir. administrativa)  
Cristiana Martins (secretaria)  
Elen Castro (secretaria)  
Vitória Esther Estanislau (secretaria)  
Fernanda Laender  
(núcleo de justiça restaurativa)

**Corpo Docente Fábrica -  
Escola de Humanidades**

Artur Boligian  
Beatriz Vanzolini  
Camila Fogaça  
Cecília Amaro  
Christiana de Moraes  
Edi Cardoso  
Frédéric Rene  
Flávia Trevisan  
Giba Pamplona  
Heloisa Bonfanti  
Vinicius Trindade  
Izabel Martinelli  
Jacó de Moura  
Jênifer Souza  
João Batista  
Joana Barossi  
Júlia Franco  
Josiane Sampaio  
Lucas Pirondi  
Kitty Pereira  
Matheus Augusto Gomes  
Milena Oliveira  
Renata Palladini  
Romeu Assunção  
Thais Ribeiro  
Thiago Benucci  
Tom Caffé  
Valdemir Rosa  
Vitor Hugo Pissaia

**Corpo docente graduação**

Adriano Jose Souza  
Alexandre Hector Benoit  
Álvaro Luís Puntoni  
Alvaro Mahfuz Razuk  
Amália Cristovão dos Santos  
Amanda Silber Bleich  
Ana Carolina Tonetti

Anália Maria Marinho de Carvalho Amorim  
 André Vainer  
 Angela de Arruda Camargo Amaral  
 Anna Verônica Juni Fontes Coutinho  
 Beatriz Vanzolini Moretti  
 Bruno Firmino Costa da Silva  
 Camila de Almeida Toledo  
 Camille Margaux Bianchi  
 Carla Dias Caffé Alves  
 Carlos Augusto Ferrata  
 Carolina Heldt D'almeida  
 Cesar Shundi Iwamizu  
 Cristiane Muniz  
 Cristina K. Caselli Cavalcanti  
 Deborah Sandes de Almeida  
 Eduardo Argenton Colonelli  
 Eduardo Rocha Ferroni  
 Fábio Rago Valentim  
 Fabrício Forgas Santos  
 Felipe Taroh Inoue Sanquetta  
 Fernanda Barbara  
 Fernanda Costa Neiva  
 Fernando Felipe Viégas  
 Gabriel Kogan  
 Gabriel Manzi Frayze Pereira  
 Gabriela Tie Nagoya Tamari  
 Gilberto Ronaldo Mariotti Filho  
 Gleuson Pinheiro Silva  
 Guilherme Pires Paoliello  
 Gustavo Henrique Chacon Pereira  
 Hermann Burkhard Tatsch  
 Joana Johnsen Barossi  
 Joao Clark de Abreu Sodré  
 João Carlos Santos Kuhn  
 Jose Guilherme Schutzer  
 José Maria de Macedo Filho  
 José Ovídio Peres Ramos  
 José Rollemberg de Mello Filho  
 Júlia Franco Vicente  
 Juliana Braga Costa

Leonardo Loyolla Coelho  
 Lígia Miranda de Oliveira  
 Ligia Velloso Nobre  
 Lua Nistche  
 Luís Mauro Freire  
 Luiz Carlos Chichierchio  
 Luiz Eduardo Vasconcellos Junqueira  
 Lúmina Kikuchi  
 Maira Francisco Rios  
 Marcelo de Mendonça Bernardini  
 Marcelo Vogt Maia Rosa  
 Marcio Luís Sattin  
 Marcos Boldarini  
 Maria Claudia Levy  
 Maria da Glória Porto Kok  
 Maria Júlia de Castro Herklotz  
 Marianna Ramos Boghosian Al Assal  
 Marina Canhadas  
 Mario Wilson Pedreira Real  
 Marta Inês da Silva Moreira  
 Marta Maria Lagreca de Sales  
 Matheus Augusto Gomes  
 Mauro Miguel Munhoz  
 Mirella de Almeida Marino  
 Monica dos Santos Dolce Uzun  
 Monica Stuermer  
 Moracy Amaral e Almeida  
 Noélia Monteiro de Ribeiro  
 Omar Mohamad Dalank  
 Pablo Emilio Hereñu  
 Paula Gorenstein Dedecca  
 Paulo Fernando Von Poser  
 Pedro Beresin Schleder  
 Pedro Henrique Neves dos Santos  
 Pedro Ivo Cordeiro Freire  
 Pedro Tuma  
 Renata Miron de Aguiar  
 Ricardo Augusto de Mello Granata  
 Ricardson Ferreira Ricardo  
 Roberto Alfredo Pompéia - *Em Memória*

Sabrina Studart Fontenele Costa  
 Simone Ferreira Gatti  
 Tacito Pio da Silva  
 Thiago Magri Benucci  
 Thiago Mendes  
 Ticiane de Freitas Alencar  
 Valdemir Lúcio Rosa  
 Vinicius Hernandez de Andrade  
 Vito Macchione Ferreira  
 Yuri Fomin Quevedo

**Professores assistentes graduação**  
 Aline Pereira Gaspar  
 Ana Isabel Alvares Rocha Costa  
 Anne Mayara Almeida Capelo  
 Artur Buonparter Duarte Correa  
 Audrey Carolini Anacleto de Lima  
 Bruna Marchiori Souto  
 Bruno Schuina Santos  
 Caio França Lopes dos Santos  
 Caio Sertório Paulo Ferreira  
 Camila Monteiro Abdallah  
 Camila Rosanti Sugahara Perez Ungaro  
 Maria Candelaria Lacherre  
 Carina Costa dos Santos  
 Débora Mayumi Segawa Okamoto  
 Eduardo Gasparelo Lima  
 Erica Gonçalves Tomasoni  
 Flau Ribeiro Doudement  
 Gabriela Momberg  
 Gabriela Rinaldi de Moura  
 Gabrieli Reis de Azevedo  
 Guilherme Paschoal Ribeiro  
 Guilherme Trevizane Ribeiro  
 Gustavo Delonero  
 Giovanna Teixeira Freire  
 Hugo Rossini Costa Longa  
 Isabella Beneducci Assad  
 Laís Gusmão Coutinho  
 Laís Pereira da Silva Santos

Lara Girardi Caitano  
 Le Savastano  
 Ligia Duarte Lanna  
 Luisa Ferreira Martins  
 Manoela Cabreira  
 Marília Villas  
 Marina Lickel Figueira  
 Marina Sznajder  
 Matheus Moraes Climaites  
 Nicollas Rangel Silva  
 Paula Beralto dos Reis  
 Pedro Augusto Verdun  
 Priscila de Almeida Ferreira  
 Sofia Bodrini Sinem  
 Vicky Berl  
 Victor Massayuki Pedro Mishima  
 Victor Guilherme Cordeiro Salgado  
 Vinicius Saraiva Andrade  
 Yasmin Darviche  
 Ugo Breyton Silva

**Corpo docente pós-graduação**  
 Anália Maria Marinh de Carvalho Amorim  
 Álvaro Luis Puntoni  
 Amália Cristovão dos Santos  
 Ana Carolina Tonetti  
 Angela de Arruda Camargo Amaral  
 Bianca Tavorari  
 Bruna Pizzol  
 Carolina Heldt D'Almeida  
 Celso Carlos Longo Júnior  
 Daniel Trench Bastos  
 Elisabete França  
 Felipe de Souza Noto  
 Fernando Felipe Viegas  
 José Rollemberg de Mello Filho  
 Luís Octavio Pereira Lopes de Faria e Silva  
 Maira Francisco Rios  
 Maria da Glória Porto Kok  
 Maria Teresa Fedeli

Marta Maria Lagreca de Sales  
Pablo Emilio Hereñú  
Pedro Manuel Rivaben de Sales  
Ricardo Alberto Caruana  
Roberto Alfredo Pompéia  
Ruben Carlos Otero Marquez  
Tácito Pio da Silveira  
Tainá Andreoli Bittencourt  
Valdemir Lúcio Rosa  
Violeta Saldanha Kubrusly  
Vladimir Fernandes Maciel

**Professores assistentes  
pós-graduação**

Alline Lais Nunes  
Ana Paula Castro  
Betina Lorenzetti  
Bruna Keese  
Cristian Eidelman  
Joaquin Gak  
Julia Cabral O'Donnell  
Rafael Abelini  
Thays Piva Reyes

**Plataforma de Pesquisa**  
**Nas ruas: Territorialidade,**  
**Memórias e Experiências**  
Amália Cristovão dos Santos  
Glória Kok

**Plataforma de Pesquisa**  
**Arquitetura e Biosfera**  
Luis Octavio de Faria e Silva

**Funcionários**  
Adelmo Pereira de Souza Lima  
Bianca Coutinho Marchiori  
Camila Alexandre dos Santos  
Carolina Palladini de Paula Rodrigues  
Claudio Nogueira da Silva

Denise Débora de Souza  
Elineide Duarte  
Eridan Lopes Alves da Rosa  
Gabriela Rodrigues de Lima  
Jailson Oliveira Martins  
Jailton Dias Firmiano  
Jairo Bissolato  
Jessica Akemi Doi Silva  
Jessica Belo Felix  
Jessica Carvalho Rocco  
João Vitor Passos Cachali Santos  
Josefa Gomes Viana  
Luana Rodrigues de Torres  
Lucas Eduardo Ribeiro Batista  
Maguinier Alves Ferreira  
Marcell Eduardo Boareto  
Marcos Vinicius Silva de Carvalho  
Marilene da Silva Bastos  
Mario Teixeira Lima Junior  
Matheus Nascimento Climaco dos Santos  
Miguel Rodrigues da Silva  
Nancy Aparecida dos Santos Araujo  
Patricia Odineia Garcia  
Regiane da Silva Lourenço Pinheiro  
Ronaldo Felisberto dos Santos  
Ronaldo Tavares da Silva  
Roseli Silva Vecchio  
Roselia Oliveira do Nascimento  
Tamara Pereira  
Thais Gomes de Albuquerque  
Thiago da Silva Lima  
Vera Lucia Barreto Moreira

**Coordenação T.I**  
Omar Dalank  
Moacir Rocha

**Apoio psicológico**  
Daniela Moraes Vidal  
Mark Felix Rossbach

**Assessoria jurídica**  
Correia e Correia advogados

**Baú**  
Lúmina Kikuchi  
Catarina Godke  
Clara Chaddad  
Gilson Quirino  
Joana Max

**Comunicação**  
João Sodré (coordenador)  
Brisa Dultra (supervisora)  
Paulo Barbosa

**Editora Escola da Cidade**  
Thais Albuquerque

**Galeria da Cidade**  
Alvaro Razuk (coordenador)  
Catarina Trinca  
Gabriela Rochitte

**Núcleo de Design**  
Celson Longo (coordenador)  
Daniel Trench (coordenador)  
Gabriel Dutra (coord. adjunto)  
Gabriel Techeresk  
Laila Klajmic  
Lara Tchernobilsky

**Agradecimentos aos apoiadores do  
Projeto Pedagógico da Escola da Cidade**  
ACM unidade Centro  
Finn Puklowski  
Francisco Lafer Pati  
Ibrachina  
Instituto Carambaia  
Instituto Energia do Saber  
Instituto Vladimir Herzog  
Instituto Votorantim  
Marcelo Pereira Lopes de Medeiros  
Votorantim Cimentos  
MSTC — Movimento Sem-Teto do Centro  
Pão do Povo da Rua (IPCB)  
SESC 24 de maio  
Studio MK27

**ec** rua general jardim, 65, vila buarque  
cep 01223-011, são paulo, sp, brasil  
+ info: [ec.edu.br](http://ec.edu.br)